

Ministério

MAI-JUN · 2022

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 18,15



TEMPO DE AVIVAMENTO



A busca de um novo Pentecostes
para o cumprimento da missão

Primeiras interpretações adventistas de Daniel 12:13 + Panorama do debate sobre o local em que ocorre a expiação
Elementos para tornar o evangelismo efetivo + A luta contra a pornografia + Participação das crianças no culto

Capacite e encoraje os membros e líderes de sua comunidade



MKT CPB | AdobeStock

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria •  (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor   (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB  



    /cpbeditora



14



28

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 26 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



23

10 **Nossa maior necessidade**
Lucas Alves
A busca do Espírito Santo como prioridade espiritual

14 **Plano de guerra**
César de León
Como lutar contra a tentação e vencer a pornografia

17 **Da sementeira à colheita**
Angel J. Rodriguez
Elementos para tornar o evangelismo efetivo

20 **Fim dos dias**
Artur Stele
Daniel 12:13 e as primeiras interpretações adventistas

23 **Atenção aos pequeninos**
Adriana Itin
Participação das crianças no serviço de culto

28 **Na Terra ou no Céu?**
Isaac Malheiros
Um panorama do debate teológico a respeito do local em que ocorre a expiação

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 561 – Mai/Jun 2022
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Alvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Everaldo Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 88,30
Exemplar Avulso: R\$ 18,15



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



NOVO PENTECOSTES

Há alguns anos, o tema do reavivamento tem sido frequente em várias ações da Igreja Adventista. Seminários, vigílias, sermões, livros e músicas, entre outras coisas, abordam a questão e enfatizam a necessidade do preparo para receber o Espírito Santo e estar apto para finalmente completar a missão.

Apesar de todos os esforços, ainda não presenciamos o cumprimento da promessa. Em alguns momentos, infelizmente, parece até que estamos mais distantes desse evento do que no passado. Contudo, se o cenário aparenta ser desanimador, os dias anteriores ao Pentecostes retratado em Atos 2 lançam um foco luminoso sobre a possibilidade de grandes transformações ocorrerem em pouco tempo.

Embora tivessem convivido com Jesus por mais de três anos, os discípulos ainda demonstravam muitos indícios de imaturidade espiritual. Não perdoavam com facilidade (Mt 18:21, 22), tinham fé limitada (Lc 17:3), não valorizavam as crianças (Mc 10:13-16), não compreendiam a necessidade do sacrifício de Cristo (Mt 20:17-19) nem a dinâmica dos eventos finais (Mt 24-25), discutiam entre si para saber qual deles era o maior (Lc 22:24), tinham uma visão restrita da pessoa de Jesus (Jo 14:8-11), eram vacilantes na oração (Mt 26:36-45) e covardes diante da provação que testava a fidelidade deles ao Mestre (Mc 14:50).

Humanamente, seria impossível para um grupo de pessoas com essas características ser protagonista da maior onda de avivamento registrada nas Escrituras Sagradas. No entanto, pouco depois da crucificação de Jesus, eles iniciaram um movimento que foi reconhecido por transtornar o mundo conhecido da época (At 17:6). O que ocorreu nesse período?

Os dias seguintes à ressurreição foram fundamentais para que discípulos espiritualmente frágeis se transformassem em apóstolos maduros para proclamar com ousadia o evangelho. Após se relacionarem com o Cristo ressurreto (At 1:3) e receberem o comissionamento para cumprir a missão

Quanto tempo será necessário para que experimentemos um reavivamento em nossa vida?

(Mt 28:18-20), eles direcionaram seus esforços para receber o Espírito Santo (At 1:4, 8), estando no templo (Lc 24:53) e dedicando tempo à oração (At 1:14).

No livro *Atos dos Apóstolos*, Ellen White apresentou detalhes a respeito do que aconteceu durante os dez dias posteriores à ascensão de Cristo. Os discípulos “reuniram-se [...] para apresentar, em nome de Jesus, seus pedidos ao Pai” (p. 23). Além disso, “humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade” (ibid.). Como resultado dessa disposição de entrega, arrependimento e confissão, os apóstolos “oraram com intenso fervor para ser habilitados a se aproximarem das pessoas e, em sua vida diária, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo” (p. 24). Em resposta a essa busca, o Espírito Santo foi derramado e milhares foram salvos naquela ocasião (At 2:41).

Oração, arrependimento, confissão, unidade e disposição para a missão foram os ingredientes necessários a fim de que os discípulos estivessem preparados para receber a plenitude do Espírito. Esses elementos não são secretos, restritos ou complexos. Por que, então, não conseguimos experimentar o refrigério espiritual prometido antes da vinda do Senhor?

Talvez seja porque alguns, em vez de dedicar tempo para orar, usam o tempo para criticar; porque, em vez de confessar seus pecados, escolhem recriminar o pecado do outro; porque, em vez de promover a unidade, assimilam o espírito da polarização; porque, em vez de pôr o coração na missão, colocam suas energias em debates sem fim.

A despeito da seriedade do quadro, não podemos perder a esperança. Em quase dois meses, os discípulos experimentaram uma mudança que revolucionou o mundo. Quanto tempo será necessário para que experimentemos semelhante reavivamento em nossa vida? **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

Vocês são geração eleita.

1 Pedro 2:9



Feliz Dia do
Ancionato!

18 de junho



Igreja Adventista
do Sétimo Dia



MKT CPB • Fotos: Alexandre Rocha

CENTENÁRIO
ASSOCIAÇÃO
MINISTERIAL



CONTE AS BÊNÇÃOS

Durante anos tenho mantido a prática de anotar minha jornada de comunhão com Deus em um diário. Nele registro preocupações, demonstrações da providência divina, ideias extraídas de escritos inspirados e pedidos e respostas de oração. No início de cada ano, reviso o diário do ano anterior, criando uma lista resumida das bênçãos recebidas. Às vezes, quando preciso alimentar minha fé, volto aos diários antigos para me lembrar dos grandes feitos de Deus em minha vida e louvá-Lo por aquilo que Ele fará.

Folheando um velho diário, o dia 19 de outubro me saltou aos olhos. Naquela ocasião eu estava em um hotel na Califórnia, sentindo-me mal, confessando meus pecados e tentando aceitar as promessas divinas pela fé, quando meu celular tocou. Era Carol, minha irmã. Ela estava ligando para me contar que havia sobrevivido milagrosamente a um terrível acidente de carro. O livramento pelo qual passou e a mensagem de um sermão que eu havia lhe mandado poucos dias antes estavam impressionando seu coração. De repente, Carol sentiu que Deus parecia estar lhe dizendo que era hora de um novo compromisso com Ele.

Pouco tempo depois, no início de dezembro, em uma piscina do campus do Union College em Lincoln, Nebraska, meu coração se encheu de alegria ao batizar minha irmã mais velha, que era praticamente uma mãe para mim. E tem mais! Uma grande amiga de Carol, afastada da igreja havia muitos anos, se sentiu tocada por essa experiência e decidiu retornar para os braços de Jesus.

Que encorajamento para mim, em um momento no qual estava frustrado com meus fracassos! Quando senti que precisava de repreensão, o Senhor me surpreendeu com fortalecimento. Quando começo a sentir orgulho, Ele manda repreensão. Deus sempre me dá o que preciso. Quero viver cada dia mais próximo de Jesus, a fim de que o Pai me use continuamente.



JERRY PAGE
secretário ministerial para
a sede mundial da Igreja
Adventista do Sétimo Dia

Registrar os atos divinos em nosso favor pode nos encorajar, fortalecer nosso ministério e nos ajudar a auxiliar pessoas a aceitar o convite da salvação!

Ao reler um velho diário, fui revigorado pelo agir de Deus na vida de Carol. Nas Escrituras, o Senhor muitas vezes nos diz para “lembrar” de como Ele nos guiou no passado (cf. Sl 105). Sou muito grato porque a Bíblia e os meus diários registram quem é Deus e como Ele trabalha em favor de Seus filhos. Essas lembranças me ajudam a enfrentar os desafios atuais.

Em Marcos 5:19, Jesus disse ao endemoninhado: “Vá para a sua casa, para os seus parentes, e conte-lhes tudo o que o Senhor fez por você e como teve compaixão de você.” Quando Cristo voltou àquela região, multidões saíram para vê-Lo como resultado do testemunho daquele homem. Compartilhar os atos divinos torna todo testemunho e pregação mais poderosos. Quanto a essa prática, Ellen White afirmou: “Muito mais do que o fazemos, precisamos falar dos capítulos preciosos de nossa experiência. Depois de um derramamento especial do Espírito Santo, nossa alegria no Senhor e nossa eficiência em Seu serviço aumentariam grandemente com o recontar Sua bondade e Suas maravilhosas obras a favor de Seus filhos. [...] Um testemunho assim terá influência sobre outros. Não pode ser empregado meio mais eficaz de conquistá-los para Cristo” (*Parábolas de Jesus*, p. 174).

A melhor maneira de levar pessoas a Cristo é viver uma experiência autêntica com Ele. Devemos compartilhar com elas como Jesus respondeu às nossas orações, atendeu às nossas necessidades e mudou a nossa vida. Registrar os atos divinos em nosso favor pode nos encorajar, fortalecer nosso ministério e nos ajudar a auxiliar pessoas a aceitar o convite da salvação! **M**

MINISTÉRIO REAVIVADO



Nesta entrevista, o pastor **Josimar Rios Oliveira** reflete sobre os desafios e as oportunidades que todo ministro do evangelho tem em relação a esse tema. Natural da Bahia, ele está no ministério há quase 20 anos. Durante esse período, pastoreou igrejas nos estados do Ceará, Sergipe e Bahia. Atualmente é o responsável pela igreja central de Salvador. Casado com Raquel Oliveira, o casal tem dois filhos: Matheus e Júlia.

O ministério é repleto de atividades que envolvem uma série de habilidades, como conhecimento doutrinário, boa oratória, tato relacional e capacidade administrativa. Embora tudo isso seja importante, nenhuma dessas características pode substituir o compromisso fundamental com o crescimento contínuo em comunhão e intimidade com Deus. O que fazer para se manter espiritualmente avivado para fazer a obra do Senhor?

Como qualquer outro ser humano,
o pastor é um ser finito, frágil
e totalmente dependente
da graça de Deus.

Qual tem sido sua experiência com a espiritualidade no ministério?

Uma luta diária para que não prevaleça a atraente falsa impressão de que a função promove automaticamente a espiritualidade. Como qualquer outro ser humano, o pastor é um ser finito, frágil e totalmente dependente da graça de Deus. Por isso, antes do exercício da função ministerial, o pastor deve, diariamente, ser um cristão salvo pela graça do Senhor e sempre se lembrar de que sua vida não faz sentido sem a comunhão com Cristo.

Quais elementos conspiram contra a espiritualidade do pastor?

Certamente, a má gestão do tempo está no topo da lista dos elementos que conspiram contra a espiritualidade do pastor. Nesse sentido, um dos fatores que mais contribui para a administração ineficiente do tempo é a distração. Por exemplo, a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas podem

legitimamente ser usados como ferramentas de trabalho pastoral. Contudo, se não forem utilizados de forma intencional e criteriosa, roubarão facilmente o precioso tempo que o pastor poderia aplicar no estudo profundo da Palavra de Deus e comprometerão a efetividade da assistência geral ao rebanho que Cristo lhe confiou.

Outro fator que merece destaque é a falta de investimento de tempo na elaboração de um plano de trabalho organizado, contemplando objetivos claros e mensuráveis, ações abrangentes com prazos exequíveis e o compartilhamento das responsabilidades com os demais líderes da igreja.

Como um pastor pode enriquecer sua vida devocional, de maneira que venha a experimentar um reavivamento pessoal?

A devoção pessoal diária é imprescindível, porque alimenta continuamente a ideia de que Deus instituiu a vocação pastoral (Ef 4:11) e mantém viva a convicção de que o pastor foi escolhido por Ele para exercer um ministério sublime e singular (1Tm 3:1).

Essa visão contribui para que ele viva sob a direção e unção divinas, enfrentando os inevitáveis e peculiares percalços da vida pastoral com fé, otimismo e paciência.

Sem usufruir da doce paz resultante da genuína amizade pessoal com Jesus, o pastor deixa de apreciar e vivenciar profundamente a graça de Deus e passa a desenvolver as nobres atribuições ministeriais de maneira profissional, destituída de uma perspectiva vocacional.

De que maneira a espiritualidade do pastor exerce influência sobre seu estilo de vida, seus relacionamentos, sua família e sua igreja?

O emblemático texto de Mateus 6:33 deixa claro que a priorização do reino de Deus torna o ser humano efetivo no cumprimento das demais demandas da vida.

Se Cristo tem a primazia na vida do pastor, este será muito mais influenciado pelo senso de responsabilidade com o cuidado integral da sua saúde nos âmbitos espiritual, físico e emocional.

Consequentemente, irá predominar a conduta pautada pela sabedoria que vem do Alto, evidenciada por qualidades como seriedade, fidelidade, empatia, domínio próprio, atenção, paciência, carisma e flexibilidade equilibrada.


O sucesso do pastor na esfera horizontal, em sua relação com a igreja, é antecedido e mais bem medido pelo êxito na esfera vertical em sua relação com Deus.

Essas virtudes, provenientes de Cristo, tornam o pastor idôneo para lidar com as inevitáveis e flutuantes exigências da vida na esfera familiar e nas relações interpessoais, não excetuando a convivência com os membros da igreja.

O que um pastor pode fazer para incentivar o crescimento espiritual das igrejas que lidera?

Todo o progresso e manutenção da igreja têm origem exclusivamente em Deus. O pastor é mais um cooperador humano. Por essa perspectiva, sua principal contribuição é não atrapalhar os planos divinos e buscar inspirar espiritualmente sua família e igreja por meio de um estilo de vida pautado na genuína piedade cristã.

Assim, o exemplo de fé do pastor, sua contínua intercessão pela igreja e diligente trabalho pastoral podem ser o melhor que ele possa fazer para que a igreja aprecie profundamente ser nutrida espiritualmente pela Palavra de Deus e cresça em unidade e no engajamento para a pregação do evangelho.

O sucesso do pastor na esfera horizontal, em sua relação com a igreja, é antecedido e mais bem medido pelo êxito na esfera vertical, em sua relação com Deus, sob a contínua lembrança de que, primariamente, o sucesso de um pastor não pode ser avaliado pela quantidade de elogios ou críticas que recebe nem pela função institucional que ocupa, pois “a posição não faz o homem. É a integridade de caráter, o Espírito de Cristo, que o torna grato, nada interesseiro, sem parcialidade e sem hipocrisia; e para Deus, isso é que tem valor” (*Liderança Cristã*, p. 24). 

NOSSA MAIOR NECESSIDADE

A busca do Espírito Santo
como prioridade espiritual

Lucas Alves

Em fevereiro de 2001, numa tarde ensolarada na cidade de Natal, RN, participei de minha primeira comissão de igreja como pastor auxiliar. Naquele domingo, recebi uma carona do pastor titular e, ao longo do trajeto, conversamos sobre as experiências de vida dele e meus sonhos para o ministério.

Ao chegar à igreja, quando me preparava para sair do carro, ele me disse: "Espere!" A porta do carro já estava aberta,

mas aquele servo de Deus me pediu que a fechasse novamente. Olhando em meus olhos, ele me disse algo que jamais esquecerei: “Lucas, hoje é seu primeiro dia de ministério. Você vai pastorear uma igreja com mais desafios do que aqueles que enfrentei, e aqueles que vierem depois de você terão desafios ainda maiores.”

O tempo e a experiência têm demonstrado o quanto aquele pastor estava certo. Diante disso, algumas perguntas surgem em minha mente: Como pastorear em dias tão difíceis? Como ser um pastor que faça diferença onde estiver? Como oferecer respostas a um mundo confuso? Creio que o livro de Atos apresente princípios fundamentais para que sejamos bem-sucedidos em nosso ministério, apesar do contexto complexo em que vivemos.

Prioridade espiritual

Lucas registrou duas falas de Cristo que devem soar aos ouvidos como nossa maior prioridade. Em Lucas 24:49 está escrito: “Eis que envio sobre vocês a promessa de Meu Pai; permaneçam, pois, na cidade, até que vocês sejam revestidos do poder que vem do alto.” Por sua vez, em Atos 1:8, o Senhor afirmou: “Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.”

Jesus deixou claro para os discípulos que eles precisavam buscar o Espírito Santo, e esse deveria ser o primeiro item de sua agenda. Eles precisavam se apegar a essa promessa mais do que a qualquer outra, pois, sem a presença e o poder do Espírito, os esforços dos discípulos seriam inúteis. De acordo com Leon L. Morris, eles não deveriam “tentar a tarefa da evangelização com os seus próprios parcos esforços”, mas, “aguardar a vinda do Espírito”¹ Por que é tão importante entender isso? Porque estamos em guerra, e nada temos em nossas mãos que nos dê alguma garantia de sucesso como igreja sem a presença do Espírito.

É preciso compreender a necessidade do Espírito Santo no contexto do grande conflito. Aliás, o termo utilizado por Lucas para se referir a poder é *dynamis*, e se aplica a essa condição. Darrell L. Bock afirmou: “Quando Lucas usa *dynamis*, ele geralmente tem em mente o poder de vencer as forças do mal, seja por milagres ou pela autoridade de Deus que vem por intermédio do Espírito.”² Isso está em convergência com as palavras de Ellen White: “O pecado só poderia ser resistido e vencido por meio da poderosa atuação da terceira pessoa da Divindade, a qual viria não com energia modificada, mas na plenitude do poder divino.”³

Chegará o tempo em que as pessoas nos ouvirão não por causa da posição que ocupamos, da experiência que acumulamos ou do preparo intelectual que temos, mas, acima de tudo, pela autoridade espiritual que vem da comunhão com Cristo e de uma vida cheia do Espírito.

Por isso, precisamos de um ministério que reconheça suas próprias fraquezas, limitações e se sinta incapaz de fazer a obra sozinho. Atualmente somos privilegiados com programas, materiais, recursos, estratégias, prédios, estruturas, comissões, planos e eventos, mas tudo isso sem o Espírito é como “malhar em ferro frio” e não terá valor algum, se Ele não comunicar vida, poder e graça em tudo o que somos e fazemos.

O verdadeiro Evangelista

Não há dúvida de que é o Espírito quem lidera a missão da igreja no livro de Atos. Ele leva os membros a testemunhar (At 1:8); fala através dos lábios dos discípulos (2:4); convida todos a se arrependem (2:38); levanta Pedro como pregador e Estevão como testemunha poderosa e ousada (4:8; 7:55); orienta Felipe para que se aproxime do eunuco, resultando no batismo dele (8:29, 38); conduz Pedro até Cornélio, seus parentes e amigos, a fim de pregar-lhes as boas-novas da salvação (10:36-48); separa líderes para a missão (13:2); abre portas

para que o evangelho seja pregado na Europa (16); revela a Paulo o que o espera em cada campo missionário (20:23) e, por fim, apela aos corações endurecidos dos judeus que não aceitaram Cristo como Salvador (28:25).

De acordo com Simon Kistemaker, o fervoroso engajamento missionário da igreja apostólica “demonstra o desejo de Deus de que o evangelho se estenda, para o qual envia o Espírito Santo a fim de ajudar nesse propósito”.⁴ Quando pensamos em evangelismo, seja público ou pessoal, devemos buscar sempre a direção Espírito, pois é Ele quem conduz a missão.

Precisamos reconhecer que não é o talento do evangelista, a qualidade dos equipamentos de transmissão de rádio e TV, a importância de nossos livros ou o alcance das nossas mídias sociais que garantem o sucesso da missão, embora tudo isso seja importante. John Stott afirmou: “Somente o Espírito Santo pode convencer as pessoas dos seus pecados e necessidades, abrir-lhes os olhos para enxergar a verdade do Cristo crucificado, dobrar sua orgulhosa vontade e submetê-las a Ele, libertá-las a fim de serem Nele e dar-lhes um novo nascimento.”⁵

Isso significa que para obter êxito em nossa obra, a experiência da igreja apostólica precisa se repetir em nós. Conforme Ellen White escreveu, “o evangelho devia ser proclamado não pela sabedoria e poder humanos, mas pelo poder de Deus”.⁶ Mas, por que o Espírito assume todo o protagonismo da missão? Porque não há espaço para o mérito humano quando tratamos de salvação! Charles Spurgeon declarou: “Que orgulho mais sem fundamento, conceber que a nossa pregação seja em si mesma tão poderosa que pode converter os homens dos seus pecados e trazê-los para Deus sem a ação do Espírito Santo! Se fomos verdadeiramente humildes de coração, não nos aventuraremos a meter-nos no combate enquanto o Senhor dos Exércitos não nos revestir de todo o poder e nos disser: ‘Vai nessa tua força!’”⁷

Jamais deveríamos nos esquecer de que somos irmãos, que a missão é nossa causa, o Espírito é nosso Guia, Cristo é nosso Salvador e a eternidade é nosso destino.

Além disso, a busca sincera pelo Espírito por meio de várias iniciativas é nobre e inspiradora; no entanto, se isso não se traduzir em missão e na exaltação do Cristo vivo que transforma corações, correremos o risco de viver um cristianismo contemplativo. Ou seja, a busca constante por consagração e experiências de reavivamento se torna um fim em si mesmo, e isso não promove o evangelismo. Por outro lado, o evangelismo sem a busca constante do Espírito pode nos levar à indiferença, nos fazendo perder a necessidade de Sua presença e nos acostumar a trabalhar sem Ele. Em outras palavras, devemos colocar mais missão em todos os movimentos de reavivamento e mais reavivamento em todas as iniciativas de missão.

O grande Líder

Em todo o livro, talvez Atos 15 seja um dos capítulos mais sensíveis quando se trata de unidade. Entre os novos conversos estavam os gentios que precisavam abandonar suas antigas práticas e os judeus que deveriam deixar para trás suas antigas tradições. O clima era tenso, os ânimos estavam acirrados, e a igreja estava experimentando uma polarização levantada pelos judeus até então jamais vista. Se esse tema não fosse resolvido, “inevitavelmente o cristianismo não seria mais do que outra seita do judaísmo”.⁸

O esboço do capítulo ajuda a entender melhor o contexto do debate: A discussão em Antioquia sobre a circuncisão e o papel da Lei Mosaica (15:1-3); recepção da delegação de Antioquia em Jerusalém (15:4, 5); concílio dos apóstolos e anciãos (15:6, 7a); o discurso de Pedro (15:7b-12a); o relatório de Barnabé e Paulo (15:12b); o discurso de Tiago (15:13-21); a decisão do concílio e a carta aos cristãos gentios (15:22-29); e explicação da decisão em Antioquia (15:30-33).⁹

Depois dessa série de discursos, a impressão é de que o Espírito Se manteve apenas nos bastidores. Contudo, isso não passa de aparência, pois em certo momento, Ele Se manifestou de forma clara e decisiva. Tiago declarou: “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (15:28). Ou seja, o próprio Espírito estava avaliando a questão, ouvindo cada parte e dirigindo cada mente ao que realmente era necessário ser feito. Dirigidos pelo Espírito, o Guia da igreja, a unidade dos fiéis se manteve e a missão não perdeu sua força.

O diabo tem interesse em tudo o que nos divide, e seus esforços serão mais intensos, apelativos e ousados nestes últimos dias. Por isso, temos que estar atentos e não permitir que ele provoque polarizações no ministério entre eles e nós, liberais e conservadores ou direita e esquerda. Discussão em redes sociais, individualismo, paixão por nossas opiniões e liderança centralizadora não geram unidade. Jamais deveríamos nos esquecer de que somos irmãos, que a missão é nossa causa, o Espírito é nosso Guia, Cristo é nosso Salvador e a eternidade é nosso destino.

A unidade é uma das evidências de reavivamento no ministério e na igreja e tem como um dos principais objetivos manter nossa identidade e missão. Verdadeiramente isso só é possível com a presença do Espírito Santo. Precisamos, ao final de cada comissão, desde a igreja local, passando pelas Associações/Missões, Uniões,

Divisões e Associação Geral, ter a mesma percepção da liderança da igreja apostólica: “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”. O apelo de Ellen White feito há tantos anos nos alcança: “Recebei o Espírito Santo, e vossos esforços serão bem-sucedidos. A presença de Cristo, eis o que dá poder. Cesse toda dissensão e contenda. Prevaleça o amor e a unidade. Movam-se todos sob a direção do Espírito Santo. Caso o povo de Deus se entregue inteiramente a Ele, Ele lhes restaurará o poder que perderam pela divisão. Ajude-nos Deus, a todos nós, a compreender que desunião é fraqueza e que união é força.”¹⁰

Os dias em que mais precisamos do Espírito como Aquele que converte corações, nos guia e é a fonte e o poder para cumprir a missão já chegaram, e o reavivamento tão aguardado precisa começar por nós. **IM**

Referências

- ¹ Leon L. Morris, *Lucas: Introdução e Comentário* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2007), p. 322.
- ² Darrell L. Bock, *Luke*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011), v. 2, p. 913.
- ³ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 540 [671].
- ⁴ Simon J. Kistemaker, *Atos* (Grand Rapids, MI: Baker, 1990), v. 1, p. 67.
- ⁵ John Stott, *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo* (São Paulo, SP: ABU, 2005), p. 30.
- ⁶ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 12 [17].
- ⁷ Charles H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos* (Santo Amaro, SP: PES, 1980), v. 2, p. 55.
- ⁸ William Barclay, *Comentário de Atos* (Glasgow: Clie, 1995), p. 102.
- ⁹ Eckhard J. Schnabel, *Acts*, Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012), p. 1524-1527.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), v. 1, p. 85.

LUCAS ALVES

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

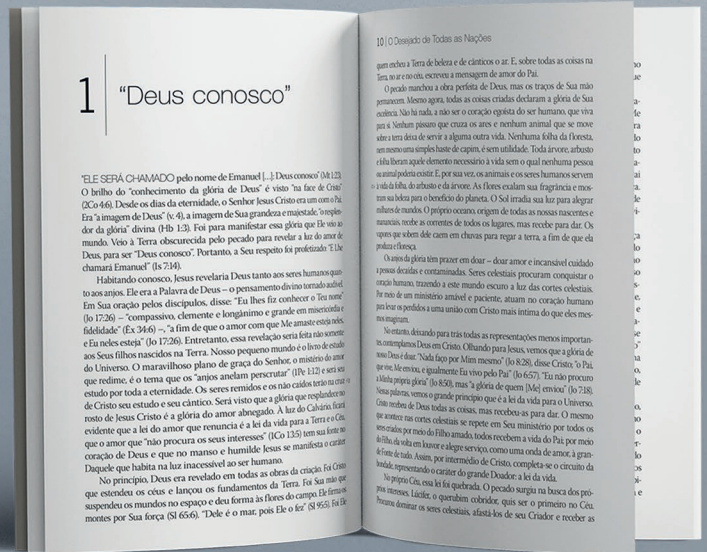


Série CONFLITO

LINGUAGEM E PROJETO GRÁFICO ATUALIZADOS



- Vocabulário contemporâneo e mais acessível
- Revisão de citações das fontes
- Diagramação mais compacta
- Paginação da edição em inglês na lateral



cpb.com.br • 0800-9790606
 CPB livraria • (15) 98100-5073
 Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
 atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



PLANO DE GUERRA

Como lidar com a tentação
e vencer a pornografia

César de León

Os vícios sexuais tornaram-se um pesadelo que assedia a todos nós. Pesquisas indicam que 60 a 70% dos homens e 20 a 30% das mulheres que frequentam igrejas cristãs nos Estados Unidos podem ser adictos sexuais.¹ Além disso, em pesquisa do Instituto Barna, identificou-se que 58% dos pastores entrevistados haviam lutado ou estavam lutando contra a pornografia, sendo a principal causa pela qual os homens procuravam aconselhamento.²

A pornografia é uma tentativa satânica de destruir a sexualidade, arruinando a saúde física, mental e espiritual, os relacionamentos íntimos e a vida das crianças. Para conseguir isso, Satanás usa as emoções e memórias a fim de controlar os impulsos e ações.

Ele começa seu trabalho durante a infância. Os primeiros espelhos que as pessoas encontram são os olhos de seus pais. Por meio deles é possível perceber se elas são amadas ou rejeitadas. Essa dinâmica de rejeição ou aceitação cria uma espécie de apego emocional, e qualquer pessoa com um apego doentio vai experimentar desafios emocionais.

Muitos se perguntam: “Como saber se tenho um problema emocional?” Se a pessoa foi rejeitada, cresceu em um lar turbulento, teve pais depressivos, ansiosos, frustrados, nervosos, impulsivos ou indecisos, ela possivelmente foi ferida e impactada emocionalmente por esse sistema familiar, de tal maneira que refletirá muitas dessas experiências em sua vida.

A necessidade humana de ser amado, cuidado e valorizado acompanha a pessoa ao longo de sua jornada, e se ela não recebeu amor, ternura, simpatia e aceitação de seus pais ou daqueles que cuidaram dela na infância, experimentará uma dor emocional que tentará remediar de diferentes maneiras. É nesse contexto que surgem os vícios.

Um vício nada mais é do que uma fuga, na qual se busca aliviar sentimentos negativos. Trata-se de uma prática ou comportamento que leva a pessoa a ir mais longe do que pensava que iria, a gastar mais tempo e dinheiro do que planejava e a lidar com consequências que jamais escolheria naturalmente. Apesar de tudo, ainda assim continua a praticá-lo.

Círculo vicioso

O ciclo do vício em pornografia é simples, mas muito efetivo. Começa com uma fantasia, seguida de um ritual que leva a pessoa a se esconder e viver uma vida dupla e secreta e termina com um grande sentimento de vergonha e culpa. O resultado é uma ferida emocional profunda que exigirá algum remédio, e a levará de volta à pornografia.

A repetição torna esse ciclo parte da personalidade. Comportamento compulsivo, seguido por um período

de abstinência, seguido novamente pelo comportamento compulsivo, e assim por diante. Constantemente escorrega-se na lama do vício, o que faz com que o viciado se sinta um prisioneiro. Infelizmente, esse ciclo repetitivo apresenta-se muitas vezes com uma atitude de negação, porque é difícil reconhecer a condição de vítima impotente.

Assim, o viciado desenvolve um “falso eu” para poder viver dentro de seu mundo secreto, manifestando muitas vezes um comportamento controlador, manipulador, perfeccionista, enganador e mal-intencionado. A consciência entorpece, a rigidez cognitiva e comportamental se instala e o viciado se torna um cadáver espiritual e emocional. Há falta de respeito consigo mesmo e com as pessoas ao redor, tornando-o desconfiado, cínico, emocionalmente tóxico e levando-o à solidão.

Satanás está pronto para oferecer um “remédio” para a solidão que anestesia o viciado e faça-o sentir prazeres desconhecidos. Em realidade, toda imoralidade sexual é uma falsificação da intimidade genuína. Deus deu aos seres humanos a possibilidade de desfrutar de uma vida sexual satisfatória com o cônjuge, mas o inimigo trabalha como um leão que ruge (1Pe 5:8) para oferecer substitutos, experiências como pensamentos lascivos, masturbação e pornografia, que levam à infidelidade. Acredita-se que entre 60 e 70% dos homens viciados em pornografia sejam infiéis à sua esposa.

Os efeitos da pornografia

Os impulsos visuais pornográficos tendem a ser mais intensos, frequentes e variados, afetando o cérebro em um ponto em que a única forma de experimentar a estimulação sexual é através da pornografia. Assim, Satanás prejudica a vida sexual, destruindo as relações conjugais e, finalmente, toda a família.

Ajay Nangia, presidente da seção de cuidados da saúde masculina da Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva, afirmou: “Há uma espécie de insensibilidade nesses homens, que os leva a um ponto em que só se sentem estimulados quando o sexo vira filme”.³

Essa insensibilidade vai além, pois afeta a percepção a respeito de situações naturais e, em última análise, rouba a própria experiência que a pessoa procura quando tem uma relação sexual com o cônjuge. Gabe Deem, um ex-viciado em pornografia, disse: “Você vai perder exatamente aquela experiência que queria copiar da pornografia. Ela treina e condiciona sua mente para que tudo aquilo que você queira e precise seja assistir a mais pornografia.”⁴

A pornografia mina a intimidade do casal, cria barreiras entre os cônjuges, compromete a comunicação, estimula

a licenciosidade, potencializa a perversão, aumenta a infidelidade conjugal e provoca uma série de doenças, como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, transtorno obsessivo compulsivo, disfunção erétil e ejaculação precoce. O viciado vive em um mundo de mentiras, adota comportamentos relacionais destrutivos e o pensamento equivocados de que não precisa se reportar a ninguém.

Como vencer a pornografia

O primeiro passo na estratégia para vencer a pornografia é estar ciente do tipo de sentimentos, emoções e memórias que levam a pessoa a assumir um comportamento autodestrutivo. O apóstolo Paulo escreveu: "Levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10:5, ARA). Assim, a vitória contra a pornografia é conquistada na mente e começa a acontecer quando a pessoa entende quais são os gatilhos da adicção. Observou-se que um viciado tem maior probabilidade de acessar o vício diante da fome, raiva, solidão e fadiga. Além disso, o adicto deve identificar o que desperta seu desejo sexual. É uma imagem, uma roupa íntima feminina, uma parte do corpo feminino, uma emoção, uma memória? Essa identificação é básica porque é nesse ponto que Satanás prende a pessoa.

Diante desses fatores, deve-se considerar o conselho bíblico: "Fujam da imoralidade sexual [porneia]. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica imoralidade sexual peca contra o próprio corpo" (1Co 6:18). A imoralidade acaba com o corpo porque destrói o processo de excitação e atividade sexual normal que são necessários para manter um relacionamento conjugal saudável. Um pensamento de um autor anônimo diz: "O que atrai e prende sua atenção acabará controlando a direção de sua vida." Portanto, diante da tentação, siga a orientação bíblica: Fuja!

Ademais, deve-se avaliar o relacionamento conjugal e investir nele. É preciso

identificar o que provoca a distância, solidão, dor e os conflitos conjugais repetitivos, a fim de corrigir essas situações negativas, tóxicas e destrutivas. Gary e Barbara Rosberg, terapeutas de família, afirmaram: "Se você persistir em ignorar suas mágoas e ressentimentos, isso afetará negativamente sua mente, seu corpo e espírito. Sua perspectiva ficará manchada, sua esperança de encontrar a felicidade em seu casamento diminuirá e você ficará mais suscetível a doenças. Você vai olhar para o mundo através de lentes distorcidas. Seu coração endurecerá, você se isolará e desenvolverá sintomas como dores de cabeça, dores musculares, colite, úlceras, comportamentos compulsivos e muitos outros problemas. No processo, você se desconectará emocionalmente de seu cônjuge e cairá no início do divórcio emocional e físico."⁵

Por isso, a pessoa deve desenvolver uma relação transparente com seu cônjuge. Isso exige que a mentira e a desonestidade sejam abandonadas, bem como todo tipo de atividade secreta que leve a pessoa a se esconder. Não deve haver nada que o cônjuge não saiba, e isso inclui, por exemplo, as senhas de dispositivos e e-mails. Essa prática garante que a transparência exista em todos os momentos do relacionamento, gerando confiança e apoio mútuos diante das tentações, incluindo a pornografia. Paulo advertiu: "Pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas que trazem vergonha, não agindo com astúcia, nem adulterando a Palavra de Deus. E assim, pela manifestação da verdade, nos recomendamos à consciência de todos na presença de Deus" (2Co 4:2).

Outro ponto importante é o desenvolvimento de amizades autênticas com outros homens. A solidão entre pastores é uma armadilha satânica. "O ferro se afia com ferro, e uma pessoa, pela presença do seu próximo" (Pv 27:17). "Melhor é serem dois do que um [...]. Porque se caírem, um levanta o companheiro. Mas ai do que estiver só, pois, caindo, não haverá quem o

levantar" (Ec 4:9, 10). Há poder curativo e recreativo nas verdadeiras amizades cristãs!

Por último, mas não menos importante, é fundamental entregar completamente o coração ao Senhor, sem dar brechas para a presença de Satanás. As Escrituras afirmam que Deus "é poderoso para evitar que vocês tropecem" e "pode apresentá-los irrepreensíveis diante da Sua glória, com grande alegria" (Jd 24). Caso a situação esteja fora de controle, o viciado também deve buscar ajuda terapêutica profissional.

Nesse contexto, é relevante considerar este conselho inspirado: "Quando o Espírito de Deus toma posse do coração, transforma a vida. Os pensamentos pecaminosos são afastados, renunciadas as más ações; o amor, a humildade, a paz tomam o lugar da ira, da inveja e da contenda. A alegria substitui a tristeza, e o semblante reflete a alegria do Céu. Ninguém vê a mão que suspende o fardo nem a luz que desce das cortes celestiais. A bênção vem quando, pela fé, a alma se entrega a Deus. Então aquele poder que olho algum pode discernir, cria um novo ser à imagem de Deus."⁶ Que essa seja a realidade daqueles que lutam contra a pornografia. **M**

Referências

¹ KingdomWorks Studios, *The Conquer Series: A Battle Plan Against Pornography*. Vídeo, 2016.

² Morgan Lee, "Here's how 770 pastors describe their struggle with porn". Disponível em <<http://link.cpb.com.br/de45f9>>, acesso em 24/3/2022.

³ KingdomWorks Studios, *The Conquer Series: A Battle Plan Against Pornography*.

⁴ KingdomWorks Studios, *The Conquer Series*.

⁵ Gary e Barbara Rosberg, *Healing the Hurt in Your Marriage* (Wheaton, IL: Tyndale, 2004), p. 39.

⁶ Ellen G. White, *E Recebereis Poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), p. 298.

CÉSAR DE LEÓN

secretário ministerial, vice-presidente dos ministérios hispânicos e líder do Ministério dos Homens na União do Pacífico Norte, Estados Unidos



DA SEMEADURA À COLHEITA

Elementos para tornar o evangelismo efetivo

Angel J. Rodriguez

Certa vez, um pastor conselheiro me disse: “Se você tiver estudos bíblicos terá batismos”. Então, nossa igreja começou a entregar convites para séries de evangelismo em nossa comunidade. Quando um cartão de interessado retorna para nós, respondemos imediatamente. Como resultado, temos batismos a cada trimestre.

Acredito que o velho ditado “evangelismo não funciona na sociedade pós-moderna” é incorreto e improdutivo. Gostaria de compartilhar sete elementos que ajudam a tornar o evangelismo eficaz.

Farta colheita

Quando comecei meu ministério, a Associação me enviou para um distrito distante. Todos os pastores com quem conversei afirmaram que eu estava entrando em uma área extremamente difícil. Mas como sempre gostei de desafios, aceitei a nova responsabilidade. Ao chegar, ficou evidente que as igrejas locais estavam em declínio. Comecei a fazer uma caminhada de oração e percebi que a cidade vivia um ciclo de depressão.

Ao pedir orientação ao Senhor, senti-me impressionado a pegar a lista telefônica e

fazer ligações evangelísticas. Isso mesmo, comecei um “ministério da lista telefônica”. “Olá! Sou o novo pastor da igreja próxima ao Hospital Comunitário. Tenho três séries de estudos bíblicos para lhe oferecer que são incríveis! Uma é sobre como ter um lar feliz de acordo com a Palavra de Deus. Outra sobre o que o Apocalipse ensina a respeito do fim dos tempos. A última é sobre como administrar suas finanças e se livrar das dívidas seguindo os princípios bíblicos.”


No dia seguinte, acrescentei esta informação: “Além disso, se você sente o desejo de que alguém ore por sua vida, seus

filhos, familiares e amigos, ou tem alguém que precisa de uma visita hospitalar, conte comigo. Estou aqui para servir. Que Deus o abençoe.” Na maioria das vezes, eu só deixava mensagens na secretária eletrônica. Na primeira semana, após 200 ligações, iniciei 11 estudos bíblicos, fiz 14 visitas domiciliares e uma visita hospitalar. A colheita foi abundante!

Quando você olha para sua comunidade, o que vê? Reconhece o potencial? Visualiza as pessoas que precisam conhecer Jesus? O que você vê faz uma grande diferença. Cristo viu a colheita. Como pastores, precisamos ter os olhos de Jesus.

andar pela fé e avançar com o Espírito Santo para levar as pessoas a um relacionamento salvífico com Jesus. Lembro-me de quando um colega de faculdade se opôs a uma declaração feita por um professor de que todos os pastores devem estar envolvidos em levar pessoas a Cristo. “Esse não é meu dom espiritual!”, meu amigo protestou. Olhando para ele, fiz uma simples pergunta: “Onde na Bíblia Deus disse a algum discípulo, apóstolo ou pastor que eles não devem se envolver em levar pessoas a Cristo porque pode não ser seu dom espiritual?” O Espírito Santo pode transformar uma simples apresentação do evangelho

Existem muitas maneiras de plantar sementes na comunidade. Lembro-me de quando cheguei à minha primeira igreja, depois de me formar na faculdade. Minha vontade era realizar uma série sobre o Apocalipse, mas a comissão da igreja recomendou que primeiro oferecêssemos aulas de computação para a comunidade. Embora me sentisse desapontado, eles conheciam a região muito melhor do que eu. As aulas de informática foram tão bem-sucedidas que tivemos que realizar duas sessões com 30 pessoas cada. Então, convidamos os alunos para a série evangelística e obtivemos ótimos resultados. As aulas de computação foram a semente necessária para atender às necessidades da comunidade.



Visão forte de liderança, dedicação dos membros locais, conexão com a comunidade e execução detalhada são as chaves para o sucesso do evangelismo.

Presença do Espírito

Além de ter os olhos de Cristo, precisamos reconhecer o papel do Espírito Santo. Podemos pregar de coração, mas se o Espírito do Deus vivo não fizer parte de nossas atividades evangelísticas, nossos esforços não terão sucesso. Por quê? Porque sem Ele não pode haver aumento real. A Bíblia é clara: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3:6, 7).

Observe que o Espírito Santo trabalhou ao lado de Paulo e Apolo. Como ministros do evangelho, temos um papel a desempenhar com o Espírito Santo. Deus trabalha junto com Seus servos.

Embora devamos orar e jejuar, sempre chega o momento em que precisamos

feita por um apóstolo relutante em um reavivamento espiritual poderoso!

Trabalho de semeadura

O próximo princípio do evangelismo é semear o campo de trabalho, que é sua comunidade local. Meus avós eram agricultores. Se eles fossem para a lavoura, começassem a colher e não encontrassem nada, a primeira pergunta que meu avô faria seria: “Alguém lançou as sementes?” Muitas vezes, as pessoas tentam vários métodos de evangelismo e ficam aquém das expectativas porque não houve trabalho de semeadura. É um princípio simples: você pode regar o solo, mas nada crescerá a menos que você lance as sementes nele. Como plantamos as sementes? O trabalho de pré-evangelismo é fundamental!

Toque pessoal

Adotando o velho ditado “nunca coloque todos os ovos na mesma cesta”, invisto em várias áreas. A primeira é a mais simples. Toda vez que recebemos visitantes em nossa congregação, nós os cumprimentamos com um caloroso abraço ou aperto de mão. Depois os acompanhamos a uma das várias classes da Escola Sabatina, que funcionam em pequenos grupos. Acreditamos que se eles vêm à nossa igreja por vontade própria, estão à procura não apenas de uma congregação para adorar, mas também de um relacionamento mais próximo com Cristo. Pedindo ao visitante seu nome, endereço de e-mail e número de celular, explicamos que ter essas informações nos permitirá avisá-lo sobre as várias atividades que estão por vir.

Cada ministério da igreja é, de fato, uma forma de evangelismo, incluindo a recepção, as classes de Escola Sabatina, os clubes de Aventureiros e Desbravadores, as Escolas Cristãs de Férias, o Ministério da Saúde, entre outros. Todos eles são avenidas que atrairão pessoas com interesses diferentes. Um dos perigos, porém, é começar muitos ministérios ao mesmo tempo. Comece com apenas um ou dois e desenvolva-os bem antes de passar para o próximo. A qualidade de cada ministério

é fundamental porque todos eles são partes essenciais do sucesso geral do crescimento da igreja.

Temos séries de evangelismo todos os anos em setembro com grande sucesso. Por quê? Porque os envolvidos em cada ministério levam seus amigos para as reuniões. Além disso, cada um deles atrai diferentes grupos de pessoas na comunidade local, criando amigos e relacionamentos. Assim, cada ministério realiza o verdadeiro evangelismo.

Papel da liderança

Cada congregação é única, assim como cada comunidade. Além disso, cada equipe de liderança é distinta. É por isso que me preocupa quando algumas igrejas tentam duplicar programas específicos em vez de apenas seguir os princípios básicos que governam planos bem-sucedidos. A Bíblia explica como cada congregação tem uma diversidade de dons. “Ora, vocês são o corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo. A uns Deus estabeleceu na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, os que têm dons de curar, ou de ajudar, ou de administrar, ou de falar em variedade de línguas” (1Co 12:27, 28). Cada igreja tem seu próprio composto de liderança. À medida que cada congregação descobre o que é isso, elas serão capazes de maximizar seus pontos fortes para proclamar o evangelho.

Uma das tarefas do líder é ter uma visão inspirada por Deus que possa ser compartilhada para toda a liderança e a congregação. A Bíblia mostra que a liderança promove ou impede o avanço do povo de Deus. Como pastor, tenho uma visão para a igreja que primeiro discuto com o ancião, reunindo suas contribuições e percepções. Depois de desenvolvermos uma visão para a congregação, levamos à comissão da igreja.

Um de nossos objetivos inclui estabelecer datas de batismo pela fé. Apenas duas

vezes me decepcionei. Na semana seguinte, porém, a pessoa deu o passo e foi batizada. Se você ainda não tentou lançar a visão geral ou definir datas de batismo em particular, dê o passo da fé.

Pensamento sinérgico

Como já foi dito, todos os anos temos uma série evangelística em setembro. A cada noite, um ministério da igreja fica encarregado pela organização. Eles entendem que seu grupo particular ajudará na série porque seu propósito é evangelístico. Assim, os vários ministérios colaboram entre si de forma sinérgica. Quando todos os ministérios trabalham para o mesmo objetivo, isso melhora a saúde geral da congregação. Conforme Paulo escreveu: “Para que não haja divisão no corpo, mas para que os membros cooperem, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, todos os outros se alegram com ele” (1Co 12:25, 26).

Importância dos apelos

Todos os sábados tentamos tornar o culto um ambiente seguro para nossos convidados. Mas com isso vem um apelo para que eles se aproximem do Senhor. Cada louvor, mensagem musical e sermão tem um apelo como parte de seu encerramento. Lembro-me de pregar uma série de fim de semana em uma congregação para a qual fui convidado. Quando fiz um apelo e várias pessoas foram à frente, notei que os membros da igreja ficaram intrigados com o fato de tantas pessoas responderem.


Após o culto, perguntei ao pastor sobre aquela reação. Ele disse: “Pensávamos que aquelas pessoas eram estudantes universitários vindos de outras congregações adventistas para nossa igreja.” Durante a refeição de confraternização, conversei com alguns deles, assim como o pastor, que comentou: “Achávamos que vocês eram membros batizados. Por que atenderam ao apelo hoje?” “É simples, pastor”, disse alguém.

“Ninguém nos perguntou antes. Então, quando o apelo foi feito, nós o aceitamos com alegria!” Descobri que muitos não tomam decisões simplesmente porque não são convidados. Todos os anos, temos novos batismos só porque convidamos as pessoas a aceitar a Cristo.

Pastoreio da comunidade

Parte de ter uma igreja em crescimento é aceitar a Bíblia pelo que ela afirma claramente. Quando olhou para a multidão, Jesus viu diversas pessoas, de várias condições diferentes, aceitando o evangelho. Ele reconheceu o potencial de Seu “distrito”. A cada novo bairro você tem o privilégio de pastorear, passear pela comunidade, visitar as diversas lojas, comer em seus restaurantes e mergulhar em sua singularidade. Então, ore e procure maneiras de impactar seu distrito para Cristo. Você é o pastor não apenas de sua igreja, mas de sua comunidade. Ao visitar os vários segmentos dela, ore e pergunte a Deus como você pode alcançar as pessoas.

O Senhor tem sido maravilhoso para nossa congregação. Nos últimos quatro anos, experimentamos o crescimento de 468 para 715 membros. Fomos abençoados com 289 batismos e ajudamos a iniciar três novas congregações. Eu acredito piamente que o evangelismo funciona, especialmente em uma sociedade pós-moderna.

Visão forte de liderança, dedicação dos membros locais, conexão com a comunidade e execução detalhada são as chaves para o sucesso do evangelismo. Prepare o campo para semear a Palavra de Deus e esteja em constante conexão com o Senhor, implorando a Ele que guie você e sua igreja a fazer o melhor para levar a comunidade aos pés de Jesus. 

ANGEL J. RODRIGUEZ

pastor em Houston, Estados Unidos



FIM DOS DIAS

Daniel 12:13 e as primeiras
interpretações adventistas

Artur Stele

“**B**endito é aquele que espera e chega aos mil trezentos e cinco, e trinta dias. Porém segue tu o teu caminho até o final; pois tu descansarás e estarás na tua porção ao final dos dias” (Dn 12:12, 13, King James 1611).

A história da interpretação de Daniel 12:13 no início do adventismo não é apenas fascinante, mas também tem implicações fundamentais para a hermenêutica bíblica, bem como para a missão adventista. As interpretações realizadas antes do grande desapontamento¹ diferiram um pouco das realizadas depois. Faremos um levantamento dessas interpretações e, em seguida, tiraremos algumas conclusões.

Antes do desapontamento

Guilherme Miller, pregador batista e líder do movimento milerita, afirmava que a ressurreição física do profeta está em vista² em Daniel 12:12 e 13 e que a ressurreição geral deveria acontecer no final dos 1335 dias. Miller esperava o cumprimento da bênção prometida àqueles que alcançassem a profecia dos 1335 dias em 1843. Ele entendia que a segunda vinda de Cristo ocorreria no fim desse período, que também seria o término dos 2300 dias.³

Em carta, ele declarou: “Você não vê que, ao final de 1335 dias, Daniel estará em sua porção? E você não vê que estar em sua porção significa a ressurreição?”⁴

O *The Second Advent Manual*, publicado em 1843, apresenta uma interpretação clara de Daniel 12:13 que se refere à ressurreição do profeta: “Porém segue tu o teu caminho até o final (o fim dessas maravilhas), pois tu descansarás (a condição dos justos mortos desde sua morte até a ressurreição, Ap 6:11; 14:13) e estarás na tua porção (ou, literalmente, levantarás, ou seja, será ressuscitado dentre os mortos para receber tua parte na herança) ao final dos dias.”⁵

Consequentemente, torna-se evidente que os mileritas proclamaram que o texto se refere à ressurreição física de Daniel.

Depois do desapontamento

Tendo conectado esses dois eventos – o cumprimento da bênção dos 1335 dias pronunciada em Daniel 12:12 com a ressurreição do profeta no verso 13 – os primeiros adventistas agora tinham que explicar essa interpretação, obviamente errada, à luz do grande desapontamento.

Alguns continuaram insistindo que a bênção dos 1335 dias não havia sido cumprida em 1843 e que seu cumprimento ainda era iminente, sugerindo até novas datas.

Tiago White não ligou os 1335 dias com a ressurreição de Daniel. Ele escreveu: “Não endossamos a visão de que os 1335 dias se estendem até a ressurreição.”⁶ No entanto, isso não significa que ele tenha separado os eventos de Daniel 12:13 daqueles apresentados no versículo 12.

O pioneiro também escreveu: “O dia e a hora do segundo advento de Cristo não são revelados nas Escrituras. Tampouco é indicado o ano em que esse glorioso evento ocorrerá. Nenhum dos períodos proféticos chega à segunda vinda de Cristo. O santuário deve ser purificado no fim dos 2300 dias, e Daniel deve estar em sua porção no final dos 1335 dias. Que esses eventos ocorram antes da segunda vinda de Cristo é suscetível da prova mais clara. Ambos os períodos proféticos terminaram em 1844.”⁷

Ele ainda viu a profecia de Daniel 12:13 sendo cumprida no fim dos 1335 dias. No entanto, não interpretou o texto como uma referência à ressurreição do profeta, mas à vindicação dele no julgamento. Ele disse: “No grande dia da expiação para o apagamento dos pecados de todos os tempos, os casos dos patriarcas e profetas e dos santos adormecidos de todas as eras passadas surgirão em julgamento, os livros serão abertos, e eles serão julgados de acordo com as coisas escritas nos livros. É assim, no final dos 1335 dias, [Dn 12:13] que *Daniel estará em sua porção*.”⁸

Embora compartilhasse com Tiago White o entendimento de que a “porção” de Daniel se referisse à sua vindicação no juízo,

Urias Smith diferenciava isso dos 1335 dias do verso 12. Falando das profecias de tempo de Daniel 12, ele declarou: “Mas como podem ter terminado, pode-se perguntar, visto que no fim desses dias Daniel estará em sua porção, que alguns supõem se referir à sua ressurreição dos mortos? Essa questão se baseia em um equívoco em dois aspectos: primeiro, que os dias no final dos quais Daniel estará em sua porção são os 1335 dias; e em segundo lugar, que a posição de Daniel em sua porção é sua ressurreição, que também não pode ser sustentada. A única coisa prometida no fim dos 1335 dias é uma bênção para aqueles que esperam e chegam a esse tempo; isto é, àqueles que estiverem então vivendo.”⁹

Smith continuou ressaltando que, sob a bênção de Daniel 12:12, deve-se presumir o aumento do conhecimento e o correto entendimento das profecias. “Vemos um notável cumprimento da profecia na grande proclamação da segunda vinda de Cristo. Quarenta e cinco anos antes disso, o tempo do fim começou, o livro foi aberto e a luz passou a aumentar. Por volta de 1843, houve uma grande culminação de toda a luz que havia sido derramada sobre assuntos proféticos até aquele momento. A proclamação foi feita com poder.”¹⁰

O pioneiro interpretou o “estarás na tua porção” de Daniel como quando o nome do profeta surgir no juízo investigativo e ele for vindicado. Outros escritores seguiram sua interpretação dessa promessa final dada a Daniel.¹¹ Um dos principais argumentos contra a ressurreição prometida ao profeta foi baseado em um estudo muito restrito da palavra hebraica traduzida como “porção” em Daniel 12:13.¹²

Contribuição de Ellen White

Ellen White¹³ não se envolveu no debate sobre a ressurreição física de Daniel apresentada no verso final do livro. Em vez disso, usando a linguagem do versículo, ela o aplicou ao fato de que as profecias seriam claramente compreendidas.

“Aqueles que ficam confusos em sua compreensão da Palavra, que não conseguem ver o significado do anticristo, certamente se colocarão do lado do anticristo. Não há tempo para nos misturarmos com o mundo. Daniel está em sua porção e seu lugar. As profecias de Daniel e de João devem ser entendidas; elas interpretam uma a outra. Elas dão ao mundo verdades que todos deveriam entender. Essas profecias devem ser testemunhas no mundo. Pelo seu cumprimento nestes últimos dias elas se explicarão.”¹⁴

“Chegou a hora de Daniel estar na sua porção. Chegou a hora de a luz que lhe foi dada ir ao mundo como nunca antes. Se aqueles por quem o Senhor fez tanto andarem na luz, seu conhecimento de Cristo e das profecias relacionadas a Ele aumentará grandemente, à medida que se aproximarem do fim da história da Terra.”¹⁵

Essas raras declarações de Ellen White sobre a fraseologia usada em Daniel 12:13 não implicam uma interpretação completa da passagem. Em vez disso, usando a linguagem do texto, ela o aplica ao tempo em que a compreensão de Daniel e Apocalipse aumentaria.

Conclusão

Ellen White nunca se opôs à ideia de que Daniel 12:13 se referisse à ressurreição física do profeta nem endossou as interpretações apresentadas por Tiago White, Urias Smith ou John Loughborough. Ela simplesmente aplicou a linguagem do verso ao fato de que, em seus dias, as profecias dos livros de Daniel e Apocalipse eram mais claramente compreendidas do que antes. Em outras palavras, ela forneceu uma aplicação adicional ao cumprimento da promessa feita a Daniel.¹⁶ Assim, a questão permanece: o texto fornece alguma dica de uma possível aplicação adicional?

Embora não encontremos nenhuma justificativa textual para o duplo cumprimento do período profético mencionado em Daniel 12:12, a redação do verso 13 parece apontar para uma possível aplicação

adicional além da promessa de ressurreição dada ao profeta.

O indicador encontra-se na última palavra da passagem.¹⁷ Para esse último termo, traduzido como “dias”, Daniel usa dois idiomas. Ele começa em hebraico, mas termina em aramaico.¹⁸ Embora essas duas línguas tenham a mesma raiz para a palavra “dias”, o início da palavra em hebraico não pode ser confundido por causa do artigo definido. Em hebraico, o artigo definido vem como prefixo da palavra, mas, em aramaico, o artigo definido vem como sufixo. Além disso, os artigos definidos nesses dois idiomas são inequivocamente diferentes.

Se Daniel tivesse usado apenas hebraico, isso remeteria à palavra “dias” usada para se referir aos 1335 dias. Se ele tivesse usado apenas a palavra aramaica, ela diferenciaria clara e totalmente a palavra “dias” nos versos 12 e 13. No entanto, o fato de o profeta combinar dois idiomas na palavra final pode sugerir que, embora haja uma clara distinção entre as duas passagens, ainda há alguma conexão possível entre elas.

Ellen White, sem proficiência em línguas antigas, viu indicadores que lhe permitiram dar uma contribuição notável, além do cumprimento da promessa de uma ressurreição física para o próprio Daniel. Ela se referiu à “ressurreição” da mensagem do livro do profeta. Podemos crer que o mesmo Espírito Santo que guiou Daniel ao escrever seu livro levou Ellen White a compreendê-lo. **TM**

Referências

¹ Ver Eugene Zaitsev, “The Mission of Adventism”, *Ministry*, dezembro de 2012, p. 17.

² Charles Fitch também apoiou as opiniões de Miller sobre Daniel 12:13. Por exemplo, ver *Letter to Rev. J. Litch, on the Second Coming of Christ*, p. 43.

³ William Miller, *William Miller's Apology and Defense*, August 7 (Boston, MA: J. V. Himes, 1845), p. 10.

⁴ William Miller, *Miller's Reply to Stuart's "Hints on the Interpretation of Prophecy"* (Boston, MA: Joshua V. Himes, 1842), p. 48.

⁵ Apollon Hale, *The Second Advent Manual* (Boston, MA: Joshua V. Himes, 1843), p. 61.

⁶ James White, nota do editor inserida em “William Miller: His Treatment of Opponents – Specimens of His Preaching”, *Advent Review and Sabbath Herald* 7, n. 18, 31/1/1856, p. 137.

⁷ James White, *The Second Coming of Christ* (Battle Creek, MI: Steam Press, 1871), p. 62.

⁸ James White, “The Judgment”, *Advent Review and Sabbath Herald* 9, n. 13, 29/1/1857, p. 100.

⁹ Uriah Smith, *Daniel and the Revelation* (Nashville, TN: Southern Publishing Assn., 1897), p. 343.

¹⁰ Smith, *Daniel and the Revelation*, p. 343.

¹¹ Ver, por exemplo, J. N. Loughborough, “The Hour of His Judgment Come”, *Advent Review and Sabbath Herald* 5, n. 4, 14/2/1854, p. 30.

¹² Loughborough, “The Hour of His Judgment Come”, p. 30. Para argumentos favoráveis à ressurreição física, ver Artur A. Stele, *Resurrection in Daniel 12 and its Contribution to the Theology of the Book of Daniel* (Universidade Andrews, tese de doutorado, 1996), p. 150-191.

¹³ Ellen White acreditava que a profecia dos 1335 dias havia se cumprido. Ver, por exemplo, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 75; *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 188. Para mais informações sobre essas citações de Ellen White, ver Alberto R. Timm, “Os 1290 e 1335 dias de Daniel 12”, *Kerygma*, v. 1, n. 1, 2005, p. 3-7.

¹⁴ Ellen G. White, *The Relief of the Schools* (1900), p. 11.

¹⁵ Ellen G. White, *Manuscrito 176*, 1899.

¹⁶ O cumprimento final foi visto na ressurreição. Esse pensamento foi apresentado em um sermão pregado por L. R. Conradi enquanto Ellen White estava viva. Ver L. R. Conradi, “God's Opening Providences”, *General Conference Bulletin*, 4/6/1913, p. 267.

¹⁷ Ver Artur Stele, “The Last Word of the Book of Daniel: A Grammatical Mistake or a Conscious Choice”, *Ministry*, fevereiro de 2021, p. 6-9.

¹⁸ Alguns estudiosos veem aqui apenas um aramaísmo sem qualquer significado para interpretação. No entanto, o fato de Daniel usar a palavra “dias” em ambos os idiomas em seu livro muitas vezes, mas apenas uma vez, e no final dele, misturar o começo em hebraico e o final em aramaico sugere intencionalidade. Além disso, deve-se ter em mente que apenas um verso antes o profeta usa a palavra hebraica para “dias” com um final hebraico e não aramaico. Se fosse um simples aramaísmo, esperaríamos em ambos os lugares. É interessante notar que o uso da palavra hebraica para “dias” com um artigo definido hebraico e uma terminação de plural aramaica é visto apenas uma vez em todo o Antigo Testamento: em Daniel 12:13.

ARTUR STELE

vice-presidente da sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia





ATENÇÃO AOS PEQUENINOS

Participação das crianças no serviço de culto

Adriana Itin

“**E** agora, devagar e em silêncio, sentem-se com seus pais e deixe-os ouvir o sermão.” Você já ouviu essas palavras ou algo parecido dito pela pessoa responsável pelo momento da adoração infantil? A “historinha das crianças” é todo o alimento que os pequeninos receberão no culto, ou pode haver algo mais para eles?

Se você perguntar a qualquer criança qual é a parte mais enfadonha do culto, provavelmente ela responderá: o sermão. Reflita: O sermão é para elas também? Quando e como elas ouvirão e aprenderão algo do sermão, se não pensarmos nas necessidades delas?

Culto inclusivo

As Escrituras indicam que a adoração israelita era corporativa e inclusiva. Em diferentes momentos da história de Israel, as crianças foram consideradas parte do “rebanho” (Êx 10:9; Dt 6:6-9; Sl 78:2-7; Ne 8:2, 3, 8). Em Seu ministério, Jesus valorizou e incluiu as crianças (Mc 10:13-16; Mt 18:1-14; 21:14-16; Jo 6:9). Os apóstolos seguiram o exemplo de Cristo e também incluíram o cuidado às crianças em suas orientações aos primeiros cristãos (Ef 5:1-4; 1Jo 2:12-14), bem como na realização dos cultos da igreja em desenvolvimento (At 16:32-34). Em Apocalipse 7:9 e 10, João

descreveu a adoração como um evento corporativo e inclusivo.

No contexto adventista, Ellen White também exortou igrejas e pregadores a manter as crianças em mente nas reuniões de adoração. Ela escreveu: “Deixe-se em cada sermão um lugar para benefício delas. O servo de Cristo pode fazer desses pequeninos amigos duradouros, e suas palavras podem ser-lhes como maçãs de ouro em salvas de prata.”¹

Devemos nos lembrar de que a espiritualidade começa na infância. A Escola Sabatina oferece apenas uma hora por semana de formação espiritual. Isso é pouco, quando consideramos o total de horas semanais.

Em casa e na igreja devemos aproveitar todas as oportunidades possíveis para promover o crescimento espiritual das crianças. “Repita-se às crianças, em todas as ocasiões oportunas, a história do amor de Jesus.”²

Além disso, a infância é um período de formação integral. As decisões tomadas nessa fase afetarão o resto da vida da criança. Suas experiências espirituais nesse momento afetarão sua juventude e idade adulta

também, de maneira positiva ou negativa. Por isso, é importante que elas se sintam acolhidas e valorizadas como parte da igreja.

Planejamento de culto

Ao planejar o culto, pense nas crianças, começando e terminando na hora certa para evitar a fadiga e a distração. Apresente sermões curtos.³ Considere também incluir histórias ou ilustrações simples com as quais elas possam se identificar.

Fale diretamente ao coração dos pequeninos em algum momento ou apresente alguma aplicação apropriada à experiência deles.

Você também pode pedir a participação de algumas crianças ou jovens nas diferentes partes do culto divino, por exemplo: na leitura bíblica, nas partes musicais, no recolhimento das ofertas ou na oração, não só no dia da criança adventista, mas durante o ano. A seguir apresento algumas sugestões de como isso pode ser feito.



MÚSICA

- ▣ As crianças podem participar do grupo de louvor. Elas podem se juntar a um adulto ou jovem, ou formar um grupo de crianças para conduzir os hinos.
- ▣ Se alguma criança estiver estudando um instrumento musical, ela pode preparar e tocar um hino enquanto as outras crianças se dirigem à adoração infantil. Se estiver em um nível avançado de conhecimento musical, pode apresentar uma mensagem especial. Quem estuda piano pode contribuir como pianista, começando nas reuniões de oração.

LEITURA BÍBLICA



- ▣ Forme um grupo de leitura da Bíblia que se ocupe com essa parte antes ou durante o sermão de forma criativa. Você pode envolver pessoas de todas as idades nesse grupo, incluindo as crianças. A cada semana essa equipe de leitura deve ler os textos de várias maneiras. Por exemplo:

- Leitura antifonal (dois grupos alternam a leitura dos versos).
- Leitura responsiva (um leitor dirige e a congregação responde lendo o verso seguinte).
- Leitura do mesmo texto em diferentes versões bíblicas. O grupo divide a leitura e cada um lê uma parte.

- ▣ No início do sermão, diga quais textos serão usados ou coloque-os em um PowerPoint para que as crianças possam procurá-los e marcá-los com um marcador (ou *Post-it*) em sua Bíblia. Elas ficarão atentas à sua orientação para procurar e ler os textos.

- ▣ Convide várias crianças ou pré-adolescentes para serem os leitores de todos ou da maioria dos textos bíblicos usados no sermão. Eles podem ir à plataforma se a leitura dos textos for feita em um único momento, ou se assentar na primeira fila e ler sua parte quando o pregador solicitar.

Importante: Os leitores se sentirão melhor se a leitura não for improvisada. Portanto, entregue os textos com antecedência para que eles pratiquem e leiam com mais fluência e expressividade.

ORAÇÃO



- Peça a um pai ou mãe que faça a oração de invocação com seu filho.
- Algumas crianças podem orar em conjunto, cada uma expressando uma parte da oração ACAS (adoração, confissão, agradecimento e súplica).
- Peça com antecedência às crianças que desenhem algo pelo qual estejam gratas a Deus e, no momento da oração, deixe-as ir à frente com seus desenhos para demonstrar sua gratidão.

Conclusão

As crianças perdem o interesse rapidamente se ninguém apreciar o que fizeram. Ao cumprimentá-las na saída, pergunte a respeito de suas criações e valorize-as. Às vezes é possível dar uma lembrança para quem participou das atividades. Outras vezes pode-se fazer uma exposição com os desenhos das crianças, exibi-los na porta da igreja ou em outro espaço. Renove a “exposição” toda semana. Se for apropriado, use essas obras de arte para ilustrar um sermão ou como capa do boletim informativo.

Além disso, para que a participação das crianças no culto seja benéfica para elas e para os demais membros, não assuma que, por estarem presentes todos os sábados, elas sabem o que fazer e como fazê-lo. Incentive-as a se prepararem antes do culto, seja lendo a Bíblia, coletando as ofertas ou conduzindo o louvor. Avise o responsável pelo som para que ele disponibilize os microfones necessários e na altura das crianças. Peça a alguns adultos que acompanhem as crianças a fim de apoiá-las e orientá-las no que lhes foi pedido que fosse feito. Agradeça depois, não apenas verbalmente, mas se possível, por meio de um cartão de mensagem ou de uma nota de reconhecimento.

Finalmente, considere que nem todas as igrejas estão preparadas para que as crianças participem de forma tão visível na hora do culto; por isso, pode ser necessário fazer um trabalho de conscientização preliminar com os adultos da congregação a fim de que eles valorizem a participação infantil. **IM**

Referências

¹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 47 [76].

² White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 47 [76].

³ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 167, 168.

ESCUITA ATIVA

- Para pré-escolares: prepare cartões com a imagem de um objeto-chave que será mencionado no sermão. Entregue-os às crianças na entrada da igreja e peça-lhes que levantem o cartão cada vez que a palavra for dita.
- Escolha quatro ou cinco palavras-chave e diga-as às crianças no início do sermão. Peça-lhes que marquem a palavra cada vez que o pregador pronunciá-la.
- Incentive-as a anotar todas as referências bíblicas apresentadas pelo pregador. Após anotá-las, elas podem escrever os versículos em seu caderno, ou sublinhá-los na Bíblia.
- Proponha-lhes que façam um alfabeto de palavras-chave. As crianças escrevem todas as letras do alfabeto verticalmente, ou podem receber uma folha com as letras impressas. Elas devem anotar ao lado de cada uma as palavras-chave que o pregador mencionar durante o sermão que começam com essa letra.
Importante: Use apenas uma dessas ideias por vez e varie as atividades. Eventualmente, no fim do sermão, as crianças poderão precisar de uma segunda atividade.

ARTE



- Incentive as crianças a participar com todos os tipos de desenhos, escrita criativa, poemas, histórias, orações, em resposta ao sermão pregado. Para elas, é uma forma prazerosa e familiar de interagir. Por exemplo:
 - Forneça-lhes uma tira de cartolina e incentive-as a desenhar um marca-páginas para ter em sua Bíblia.
 - Peça-lhes que desenhem a história bíblica apresentada pelo pregador.
- Sugira a elas que ilustrem uma estrofe de um dos hinos cantados no serviço de culto.

ADRIANA ITIN

esposa de pastor e professora, reside em Buenos Aires, Argentina



PROTEÇÃO DE DADOS

A privacidade compreende o grupo dos direitos da personalidade necessários ao desenvolvimento humano em sua plenitude, razão pela qual é assegurada pelo ordenamento jurídico de todo o mundo.

Alguns teóricos consideram que os dados pessoais são uma “projeção da personalidade”, uma vez que o conjunto de informações obtidas e associadas a uma pessoa revelam suas características físicas, familiares, afetivas, sociais, financeiras e comportamentais.

Na sociedade da informação, a velocidade e o volume de dados abrem um mundo de possibilidades aos usuários, dando a falsa sensação de onipresença e onisciência. Assim, o encanto da vida conectada exige apenas uma única coisa em troca: seus dados. O problema é que se os dados pessoais são a projeção da personalidade, ao disponibilizá-los, a pessoa renuncia à sua privacidade.

Essa condição intensifica a necessidade de garantir, por meio da legislação, a efetiva proteção dos dados pessoais dos indivíduos, regulamentando a conduta de quem coleta, armazena, compartilha ou estuda essas informações, sejam elas obtidas eletrônica ou fisicamente.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, como entidade organizada, tem em seus registros o cadastro e a gestão dos membros e lida com situações como transferência de igreja, participação em eventos oficiais, geração de relatórios de dízimos, ofertas e doações, entre outros, que permitem

acompanhar parte da vida religiosa de seus fiéis.

Em harmonia com a ética, o respeito e a seriedade provenientes dos princípios bíblicos, a Igreja Adventista, em todas as suas instâncias, deve ser exemplar no tratamento e uso das informações sob sua responsabilidade.

Não se ignora que a coleta de dados é imprescindível para que a igreja se contextualize, analise as diversas realidades geográficas e culturais, projete cenários e avalie seus programas, promovendo ações personalizadas. Assim, a atividade de tratamento de dados, sejam pessoais ou estatísticos, é uma ferramenta de apoio à missão que poderá ser mais bem aproveitada quando as realidades são conhecidas ou previstas.

Por princípio, antes mesmo da publicação de leis relativas à proteção de dados, a igreja sempre teve o cuidado de resguardar a privacidade e individualidade dos seus membros, ao recomendar aos líderes a discrição e o sigilo ao lidar com informações pessoais, além de aprimorar os processos de coleta física, os sistemas informatizados e limitar o acesso aos arquivos.

Com o advento das legislações relativas à proteção dos dados pessoais, o assunto ganhou nova proporção, o que motivou a criação e o aperfeiçoamento de procedimentos para fortalecer o conceito de privacidade e a responsabilidade da igreja com os dados pessoais que lhe foram confiados. Além disso, investimentos em segurança da informação são realidade nos escritórios, a fim de resguardar esse patrimônio imaterial.

Diante desse contexto, o que os pastores podem fazer para promover uma cultura e prática de proteção de dados?

1

Proteja seus equipamentos eletrônicos

- Senhas de aplicativos, principalmente dos sistemas da igreja, devem ser trocadas regularmente e, em hipótese alguma, podem ser compartilhadas. Elas são pessoais e intransferíveis.

- Verifique com a equipe de tecnologia do Campo ou da Instituição de trabalho os protocolos de antivírus e não altere nenhuma configuração do equipamento que estiver sob sua responsabilidade. Essas medidas técnicas são implementadas para evitar invasores e resguardar seu dispositivo.

- Jamais clique em *links* desconhecidos ou suspeitos. A engenharia social se aperfeiçoa continuamente, e está cada vez mais difícil identificar os e-mails malintencionados, que podem carregar consigo *malwares* ou vírus.

- Mantenha os bloqueios de tela com tempo reduzido.

- Não acesse rede wi-fi externa, pública ou desconhecida. Redes abertas costumam ser menos seguras e, por meio delas, qualquer pessoa poderá acessar seu dispositivo ou interpelar a rede captando suas informações, descriptografando os dados ou simplesmente monitorando suas atividades.

- Mantenha os aplicativos e sistemas atualizados.



- Utilize a autenticação em dois fatores em suas mídias sociais. Isso aumenta a segurança e diminui o risco de acesso indevido.

2

Preserve as informações obtidas por meio dos sistemas da igreja

- Se alguém solicitar uma lista de membros, alunos ou interessados, procure saber, preferencialmente por escrito, como essas informações serão utilizadas. É proibido compartilhar informações pessoais para finalidades diferentes das estabelecidas na política de privacidade da igreja.
- Evite compartilhar informações de membros e interessados por aplicativos de mensagens. Prefira o e-mail ou outro recurso que possibilite o registro dessas comunicações.
- Mensagens em aplicativos de comunicação instantânea são como folhas ao vento. Após serem enviadas, não é possível monitorar o seu caminho, destinatário ou quais pessoas terão acesso à informação.
- Caso tenha dúvidas, procure a Secretaria ou o Departamento Jurídico do Campo, a fim de obter orientação sobre como essas informações podem ser compartilhadas ou utilizadas.

3

Evite coletar informações excessivas

- Ao lançar um programa ou evento, verifique se a ficha de cadastro ou

inscrição contém somente as informações necessárias para a atividade pretendida. A Lei Geral de Proteção de Dados (Brasil) determina que para cada dado pessoal coletado deve haver uma finalidade específica; ou seja, se você não sabe como e para que a informação será utilizada, não colete.

- Outro detalhe importante é que a finalidade da coleta deve estar em harmonia com a Política de Privacidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

4

Tenha cuidado com os relatórios

- Ao apresentar os relatórios em público, utilize dados anonimizados, estatísticos e nunca mencione nomes ou outras informações que possam identificar qualquer pessoa.
- Para aumentar a segurança dos dados, utilize os meios de armazenamento e compartilhamento oficiais de seu Campo ou Instituição.

5

Resgarde de maneira especial as informações de crianças e adolescentes

- Ao tratar os dados de crianças e adolescentes tome cuidado dobrado. Não permita o acesso de ninguém além dos líderes dos respectivos departamentos: Desbravadores, Aventureiros, Ministério da Criança e Adolescente e Ministério das Possibilidades.

Conclusão

Prevenir pode ser menos custoso e mais eficiente do que consertar. Por isso, todas as medidas técnicas de segurança poderão ser ineficientes se os usuários não tiverem consciência da responsabilidade e seriedade dos processos de proteção de dados. A conscientização é a chave para a prevenção.

Os líderes devem incorporar a proteção dos dados e a segurança da informação em suas rotinas de capacitação, a fim de moldar a cultura da privacidade e torná-la efetiva desde o início de projetos, eventos, ou desenvolvimento de sistemas.

O GDPR (*General Data Protection Regulation*) – para todo o Espaço Econômico Europeu –, prevê a *privacy by design* (privacidade desde a concepção) e a *privacy by default* (privacidade por padrão), conceitos incorporados por toda a legislação mundial como sendo fundamentais para implantação da cultura da privacidade.

O mote da proteção dos dados é a privacidade. O compromisso é de todos, sejam administradores, pastores, obreiros ou voluntários. Lembre-se de que o cuidado com os recursos que são confiados à igreja também testifica do amor de Deus a todas as pessoas. **TM**

STEFANNE AMORIM

advogada assistente e diretora de proteção de dados da sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia



NA TERRA OU NO CÉU?





Um panorama do debate teológico a respeito do local em que ocorre a expiação

Isaac Malheiros

Uma das questões que têm recebido muita atenção nas recentes pesquisas em Hebreus é: “A expiação na cruz foi completa?” Esse tema ganhou novo fôlego com a publicação da tese de David Moffitt, em 2011, sobre a relação entre a ressurreição e o conceito de expiação em Hebreus¹ e, mais recentemente, com a obra de Robert Jamieson sobre a “oferta celestial” de Jesus em Hebreus.²

É verdade que a maioria dos estudiosos ainda reduz a expiação ao evento da crucificação, mas muitos autores não adventistas recentemente têm localizado a expiação como um evento que ocorre no Céu. O retrato do debate atual é: (1) a oferta celestial de Hebreus é apenas uma metáfora para a cruz (na Terra), ou (2) o livro retrata uma sequência sacrificial que começa na cruz e termina no Céu.

No meio evangélico, a segunda posição era considerada “socinianismo”.³ No entanto, Socino não inventou esse conceito bíblico, que foi defendido por muitos cristãos ao longo da história e tem encontrado muitos defensores atualmente. Robert Jamieson mapeou as principais visões acadêmicas sobre o assunto e identificou cinco posições principais, das quais duas entendem que a expiação ocorre no Céu.⁴ Este artigo apresenta um breve panorama das pesquisas sobre esse tema realizadas por autores não adventistas.

Santuário no Céu

Um número expressivo de pesquisadores tem afirmado que, em Hebreus, o santuário celestial é um lugar real, não um produto do idealismo platônico helenista,⁵ pois os “arquétipos celestiais têm existência real”.⁶

Para esses autores, a correspondência vertical entre o santuário terrestre e o celestial na literatura apocalíptica judaica sugere que o autor de Hebreus crê em um santuário celestial que tem dois

compartimentos,⁷ assim como o santuário israelita, pois “o tabernáculo terrestre e suas ofertas são modelados sobre as realidades que existem no Céu”.⁸ Eles acreditam também que os destinatários originais de Hebreus estavam familiarizados com o conceito de um santuário no Céu com dois compartimentos, já que um santuário de dois compartimentos era “um componente básico e imutável em todas as estruturas do santuário do antigo Israel”.⁹

Em suma, o santuário celestial de Hebreus seria um conceito encontrado fartamente na literatura e no pensamento judaicos, especialmente no Antigo Testamento.¹⁰ A relação conceitual entre Hebreus, o Antigo Testamento e a literatura apocalíptica judaica torna possível concluir que Hebreus reflete o conceito de um santuário celestial *real* (não metafórico ou platônico), *no* Céu (não é o próprio Céu), com dois compartimentos, e onde há atividade sacerdotal, diferentemente do modelo judaico de um santuário escatológico inativo.

A mudança de paradigma começou em 1970, quando Ronald Williamson refutou a ideia de que Hebreus seria uma obra platônica/filônica, e os pesquisadores passaram a buscar outras fontes para servir como pano de fundo do livro.¹¹ Portanto, continuar afirmando que Hebreus é um texto platônico parece ser mais uma opção pela defesa de uma pressuposição do que o resultado da análise das evidências fornecidas pelas pesquisas mais recentes.

Local da expiação

A ideia de que o sacrifício expiatório de Jesus foi uma realidade celestial pós-ressurreição é encontrada desde os primeiros séculos até perto do final do primeiro milênio, em autores como Irineu de Lyon, Hipólito de Roma, Orígenes, Gregório Nazianzeno,¹² Teodoro de Mopsuéstia,¹³ Teodoro de Ciro¹⁴ e Fócio de Constantinopla.¹⁵

Próximo do surgimento do adventismo, William e George Milligan, teólogos reformados do século 19, defenderam que precisamos olhar “para a oferta de Cristo como um todo”, e que a cruz era “a preparação necessária para essa obra, não a obra em si”. A “oferta da morte” devia ser completada com a “oferta da vida [o sangue]”, no Céu,¹⁶ e o “está consumado”, bradado por Cristo na cruz, refere-se à Sua obra consumada na Terra, não à expiação como um todo. Por isso, a ressurreição e glorificação de Jesus não foram apenas uma recompensa, mas parte do ato expiatório.¹⁷ Afinal, Ele “ressuscitou para a nossa justificação” (Rm 4:25), e há um outro brado de “Feito está!”, que sai exatamente do santuário celestial (Ap 16:17).

Ainda no século 19, Franz Delitzsch também argumentou que a obra da redenção “não se limitou ao momento em que a carne e o sangue estavam externamente separados na cruz”, mas a apresentação antitípica do sangue feita no Céu é a “conclusão eterna e o selo de ratificação da obra da redenção”.¹⁸ Como sumo sacerdote, Jesus tem uma oferta a fazer (Hb 8:3), e “o lugar de tal oferta não pode ser terrestre e, portanto, deve ser celestial”.¹⁹

Recentemente, tem ganhado força entre alguns teólogos o entendimento de que, em Hebreus, a expiação acontece no Céu.²⁰ Para esses autores, a entrada de Jesus no santuário celestial é expiatória. Destacam que Cristo “*entrou* no Santuário, [...] e *obteve* uma eterna redenção” (Hb 9:12), como afirmam as versões NVI, NAA e NVT, e não “*entrou* [...], *havendo obtido* uma eterna redenção”, como trazem a ARA e a ACF. A ordem é importante: Jesus entrou no santuário, e assim obteve a eterna redenção, pois “o lugar de oferta de Cristo estava no Céu”.²¹ A entrada de Jesus no santuário celestial “também é um ato litúrgico, um componente de Seu sacrifício”²² e “um ato de grande sacrifício sacerdotal”.²³

Dessa maneira, o sacrifício de Jesus não começa e termina na cruz, mas é um processo que inclui a cruz e o santuário

celestial.²⁴ Seguindo o modelo levítico de oferta sacrificial, um abate só será um sacrifício expiatório se o sangue for apresentado a Deus. Por isso, o que acontece após a morte da vítima é determinante para a “efetiva expiação no santuário celestial”.²⁵ No ritual levítico, a ênfase não estava na imolação da vítima, mas na posterior manipulação do sangue, na queima e no ato de comer a carne sacrificada.²⁶ Assim, em sentido amplo, a oferta de Cristo em Hebreus é entendida como “Sua vida, morte e entrada no Céu”.²⁷

Hebreus “leva o evento sacrificial [...] ao santuário celestial”, e é ali que ele “assegura a ‘eterna redenção’ (9:11-14)”.²⁸ Dessa maneira, a “oferta expiatória de Jesus [...] foi apresentada no tabernáculo celestial, não no mundo terrestre (Hb 8:2; 9:1-28)”.²⁹ A lei exige que o sangue seja aspergido; no caso de Jesus, isso ocorreu “dentro da realidade celestial”, e “este não é um argumento abstrato”.³⁰ Portanto, o sacrifício não visava unicamente à morte da vítima sacrificial, mas também à obtenção do sangue inocente para posterior aplicação.³¹

A morte voluntária de Cristo foi “o primeiro componente em um roteiro sacrificial maior”, que *continuou* em Sua ascensão ao Céu e Sua entrada no santuário celestial,³² e que, por sua vez, é “o principal lugar da realização cultural de Jesus, Sua oferta de sacrifício”.³³ Ele oferece um sacrifício superior em um santuário superior.³⁴

É preciso destacar que, ao colocar um holofote sobre o ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial, esses autores não estão diminuindo a importância da cruz: “A localização celestial da oferta de Jesus, no entanto, *não significa que a morte de Jesus na Terra não é sacrificial*”.³⁵ O fato é que após morrer, Cristo “precisava ser ressuscitado e ascender ao Céu para oferecer Seu sangue no santuário celestial”,³⁶ pois essa oferta celestial “leva à purificação dos crentes (e à purificação do santuário celestial)”.³⁷

Nos textos de Hebreus em que a morte de Cristo é o sujeito (Hb 2:9-14; 5:7-10; 6:6;

9:15; 12:2; 13:11-13), o verbo *prosférō* (“oferecer”) e semelhantes não aparecem; e a entrada de Jesus no Céu é descrita com *prosférō*, como se fosse o evento crítico, em vez de Sua morte (Hb 9:7, 25, 28).³⁸ A cruz é um “componente” do sacrifício de Cristo, que “permitiu Sua entrada no santuário celestial com Seu sangue”, e “o ato de sacrifício de Jesus inclui Sua apresentação do sangue de Seu sacrifício para Sua entrada no santuário celestial”.³⁹ Como o lugar de expiação (*hilastērion*) é visto por esses autores como o trono divino, um “lugar de misericórdia” (Hb 4:16; 9:5, cf. Lv 16:2-14), então “Cristo fará expiação diante do trono da glória no templo eterno nos Céus”.⁴⁰

Conclusão

É curioso que tantos autores não adventistas estejam defendendo algo muito semelhante ao que os adventistas ensinam há bastante tempo. Contudo, isso não significa que esses autores acreditem *pessoalmente* nisso nem que estejam defendendo a posição adventista. Eles apenas estão reconhecendo que o conceito de expiação em Hebreus aponta para uma obra efetuada no santuário celestial, após a cruz e a ressurreição.

Há, no entanto, uma diferença marcante entre o que eles ensinam e a crença adventista. Geralmente, esses autores creem que Hebreus esteja seguindo a sequência sacrificial do *Yom Kippur*. Portanto, eles veem o antitípico Dia da Expiação como algo já acontecendo nos dias do autor de Hebreus.⁴¹ Nesse Dia da Expiação escatológico, o sangue de Jesus é o que faz a “remoção da impureza dos pecados do santuário celestial”,⁴² pois a eliminação do pecado é feita pela aplicação de sangue inocente.⁴³ Para eles, a entrada de Jesus no *Santo dos Santos* celestial (e não no *santuário*, como seria a melhor tradução de Hb 9:12) seria a consumação da sequência sacrificial do Dia da Expiação, que começou na cruz, mas cuja oferta se efetua mesmo é no Céu.⁴⁴

Até onde foi possível analisar, esses autores não acreditam que Jesus desenvolve um ministério sacerdotal bifásico no santuário celestial. Essa parece ser uma das contribuições únicas do adventismo. O fato curioso é perceber a ascensão de tantas vozes afirmando que Hebreus traz as “atividades sacrificais celestiais de Jesus”.⁴⁵ Em palavras muito parecidas com as que Ellen White utilizou para descrever a inauguração do ministério no santuário celestial,⁴⁶ é dito que “Jesus entrou no reino celestial, aspergiu Seu próprio sangue no altar e foi entronizado ao lado de Deus, assegurando a ‘eterna redenção’ (Hb 9:11, 12)”.⁴⁷ Esse panorama da pesquisa em Hebreus representa um convite aos adventistas para que exponham ainda mais ousadamente sua compreensão a respeito do ministério sumo sacerdotal de Cristo no santuário celestial, pois há crescente interesse no assunto, e a teologia adventista pode dar grande contribuição. **M**

Referências

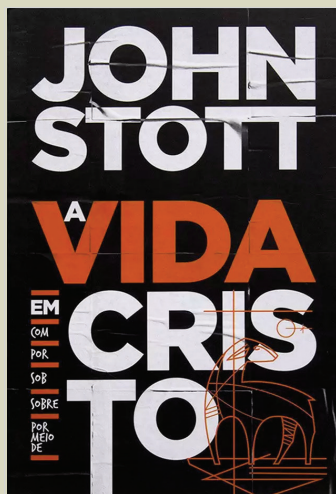
- ¹ David Moffitt, *Atonement and the Logic of Resurrection in the Epistle to the Hebrews* (Leiden: Brill, 2011).
- ² Robert B. Jamieson, *Jesus' Death and Heavenly Offering in Hebrews* (Cambridge: Cambridge University Press, 2021).
- ³ Fausto Socino foi um antitrinitariano que argumentou, em 1578, que Cristo não realizou a expiação na cruz, mas ao oferecer a Si mesmo no Céu após a ressurreição.
- ⁴ R. B. Jamieson, “When and where did Jesus offer Himself? A taxonomy of recent scholarship on Hebrews”, *Currents in Biblical Research*, v. 15, n. 3, 2017, p. 343.
- ⁵ S. D. Mackie, *Eschatology and Exhortation in the Epistle to the Hebrews* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2007), p. 159; C. K. Barrett, “The Eschatology of the Epistle to the Hebrews”, em W. D. Davies; D. Daube (eds.), *The Background of the New Testament and its Eschatology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1956), p. 388; cf. Jamieson, “When and where did Jesus offer Himself?”, p. 350.
- ⁶ O. Michel, *Der Brief an die Hebraer* (Güttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966), p. 288.
- ⁷ Benjamin J. Ribbens, *Levitical sacrifice and heavenly cult in Hebrews* (Wheaton: Wheaton College, 2013, tese de doutorado), p. 142.
- ⁸ Moffitt, *Atonement and the Logic of Resurrection*, p. 224.
- ⁹ J. A. Barnard, *The Mysticism of Hebrews: Exploring the Role of Jewish Apocalyptic Mysticism in the Epistle to the Hebrews* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2012), p. 110, 111.

- ¹⁰ Elias Brasil de Souza, *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* (Santo André, SP: Academia Cristã, 2015).
- ¹¹ Ronald Williamson, *Philo and the Epistle to the Hebrews* (Leiden: E. J. Brill, 1970). Ver também Barrett, “The Eschatology of the Epistle to the Hebrews”, p. 363-393; R. P. C. Hanson, *Allegory and Event: A Study of the Sources and Significance of Origen's Interpretation of Scripture* (Richmond: John Knox Press, 1959).
- ¹² David Moffitt, “Jesus' heavenly sacrifice in early Christian reception of Hebrews: A survey”, *Journal of Theological Studies*, v. 68, n. 1, 2017, p. 54.
- ¹³ Alphonse Mingana (ed.), *Commentary of Theodore of Mopsuestia on the Lord's Prayer and on the Sacraments of Baptism and Eucharist* (Cambridge: Heffer & Sons, 1933), p. 74, 78-83.
- ¹⁴ R. C. Hill (trad.), *Theodoret of Cyrus: Commentaries on the Letters of St. Paul* (Brookline: Holy Cross Orthodox Press, 2001), v. 2, p. 169, 172, 173, 175.
- ¹⁵ Moffitt, “Jesus' heavenly sacrifice”, p. 54, nota 17.
- ¹⁶ G. Milligan, *The Theology of the Epistle to the Hebrews: With a Critical Introduction* (Edinburgh: T & T Clark, 1899), p. 152.
- ¹⁷ W. Milligan, *The Resurrection of Our Lord* (Nova York: Macmillan, 1917), p. 136, 141, 142.
- ¹⁸ Franz Delitzsch, *Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Edinburgh: T&T Clark, 1887), p. 89.
- ¹⁹ Delitzsch, *Commentary on the Epistle to the Hebrews*, p. 290.
- ²⁰ Para uma exposição mais detalhada sobre esse tema, ver I. Malheiros, “Expição: Na terra ou no Céu? Um panorama da pesquisa sobre o conceito de expiação celestial em Hebreus”, *Kerygma*, v. 12, n. 2, p. 73-103, 2018.
- ²¹ G. H. Guthrie, “Hebrews”, em G. K. Beale; D. A. Carson (eds.), *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007), p. 1131-1222, 1194.
- ²² R. D. Nelson, “He offered Himself: Sacrifice in Hebrews”, *Interpretation*, v. 57, n. 3, 2003, p. 256; D. A. DeSilva, *Perseverance in Gratitude: A Socio-Rhetorical Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), p. 305-307.
- ²³ L. T. Johnson, *Hebrews: A Commentary* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2006), p. 222.
- ²⁴ Johnson, *Hebrews*, p. 71; Michel, *Der Brief an die Hebraer*, p. 293. Ribbens, *Levitical Sacrifice and Heavenly Cult in Hebrews*, p. 178, 179.
- ²⁵ Nelson, “He offered Himself”, p. 255; cf. p. 54, 55, 254-256.
- ²⁶ W. E. Brooks, “The perpetuity of Christ's sacrifice in the epistle to the Hebrews”, *Journal of Biblical Literature*, v. 89, n. 2, 1970, p. 208, 209.
- ²⁷ John H. Davies, “The heavenly work of Christ in Hebrews”, *Studia Evangelica*, v. 4, 1968, p. 387.
- ²⁸ Mackie, *Eschatology and Exhortation*, p. 95; cf. J. J. Cervera i Vallis, “Gran sacerdot i víctima en Hebreus: Una teologia judeocristiana de la mediació i de l'expiació”, *Revista Catalana de Teologia*, v. 34, n. 2, 2009, p. 485.

- ²⁹ G. H. Guthrie, *Hebreos: Del Texto Bíblico a una Aplicación Contemporánea* (Miami, FL: Vida, 2014), p. 217, cf. p. 106, 404.
- ³⁰ A. N. Chester, “Hebrews: The final sacrifice”, em S. W. Sykes (ed.), *Sacrifice and Redemption: Durham Essays in Theology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991), p. 65, 66.
- ³¹ I. Willi-Plein, “Some remarks on Hebrews from the viewpoint of Old Testament exegesis”, em G. Gelardini (ed.), *Hebrews: Contemporary Methods - New Insights* (Leiden: Brill, 2005), p. 33.
- ³² Nelson, “He offered Himself”, p. 254, 255.
- ³³ S. D. Mackie, “Heavenly sanctuary mysticism in the epistle to the Hebrews”, *The Journal of Theological Studies*, v. 62, n. 1, 2011, p. 78.
- ³⁴ E. F. Mason, *You Are a Priest Forever: Second Temple Jewish Messianic and the Priestly Christology of the Epistle to the Hebrews* (Leiden: Brill Academic Publication, 2008), p. 194, 195.
- ³⁵ Ribbens, *Levitical Sacrifice and Heavenly Cult in Hebrews*, p. 145. Ênfase no original.
- ³⁶ J. M. Vis, *The Purification Offering of Leviticus and the Sacrificial Offering of Jesus* (Durham: Duke University, 2012, tese de doutorado), p. 257.
- ³⁷ Vis, *The Purification Offering of Leviticus and the Sacrificial Offering of Jesus*, p. 257.
- ³⁸ Davies, “The heavenly work of Christ in Hebrews”, p. 386, 387.
- ³⁹ Mason, *You Are a Priest Forever*, p. 35, 39.
- ⁴⁰ T. Eskola, *A Narrative Theology of the New Testament: Exploring the Metanarrative of Exile and Restoration* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2015), p. 390; cf. p. 226; Barnard, *The Mysticism of Hebrews*, p. 116.
- ⁴¹ Mackie, *Eschatology and Exhortation*, p. 95, 96; D. A. DeSilva, “The invention and argumentative function of priestly discourse in the epistle to the Hebrews”, *Bulletin for Biblical Research*, v. 16, n. 2, 2006, p. 308-311.
- ⁴² DeSilva, “The invention and argumentative function”, p. 308.
- ⁴³ Willi-Plein, “Some remarks on Hebrews from the viewpoint of Old Testament exegesis”, p. 33.
- ⁴⁴ Cervera i Vallis, “Gran sacerdot i víctima en Hebreus”, p. 479.
- ⁴⁵ J. C. Calaway, *The Sabbath and the Sanctuary access to God in the Letter to the Hebrews and Its Priestly Context* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2013), p. 28.
- ⁴⁶ Ellen G. White, “With power and great glory”, *Signs of the Times*, 19/4/1905.
- ⁴⁷ Calaway, *The Sabbath and the Sanctuary*, p. 76; cf. p. 155, 156.

ISAAC MALHEIROS
professor de Teologia no
Unasp, Engenheiro Coelho



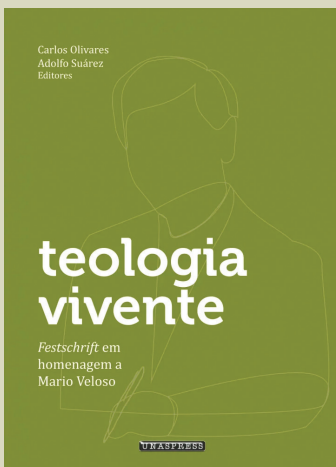


A Vida em Cristo

John Stott, Ultimato, 2021, 160 p.

A fé cristã e a vida cristã autênticas têm como base a centralidade de Jesus Cristo. O que isso significa? Em *A Vida em Cristo*, John Stott apresenta as implicações da vida cristã a partir das “preposições” usadas no Novo Testamento. Para ele, viver *em* Cristo, *por meio de* Cristo, *sob* Cristo, *com* Cristo, *por* Cristo e *para* Cristo mostra os diferentes aspectos do relacionamento com o Salvador.

Mais do que isso, Deus quer nos tornar semelhantes a Cristo. Então, como desenvolver nosso relacionamento com Ele? Como Jesus Cristo pode ocupar o lugar central em nossa vida? Essas e outras perguntas são respondidas ao longo deste livro.

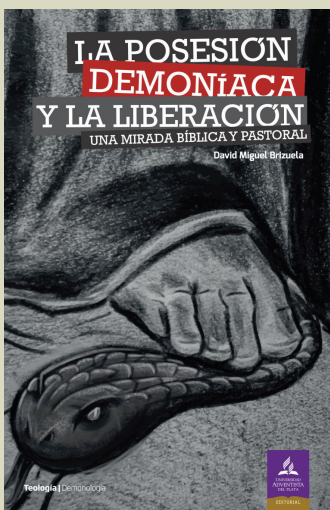


Teologia Vivente

Carlos Olivares e Adolfo Suárez (orgs.), Unaspres, 2022, 407 p.

Este livro é uma compilação de textos em homenagem ao pastor Mario Veloso, administrador e professor universitário que marcou gerações de intelectuais e ministros adventistas. A obra contém artigos e relatos escritos por seus alunos e colegas, além de poesias inéditas escritas pelo homenageado.

Entre seus feitos está a participação na criação do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (Salt), que hoje reúne cursos de graduação, mestrado e doutorado em Teologia no Brasil, Peru, Chile, Bolívia e Argentina. *Teologia Vivente* é uma lembrança de que uma vida bem vivida, em consonância com a vontade de Deus, deixa frutos, influencia gerações e é testemunha do poder do Pai celestial.



La Posesión Demoníaca y la Liberación

David Miguel Brizuela, Editorial de la Universidad Adventista del Plata, 2022, 220 p.

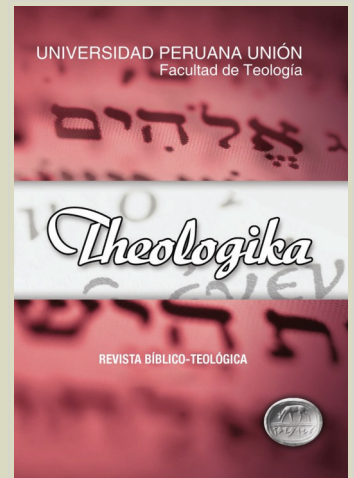
Os evangelhos relatam que Jesus dedicou parte de Seu ministério à libertação dos endemoniados. Ele até delegou parte desse trabalho a Seus discípulos que, seguindo Suas instruções, libertaram as pessoas possuídas.

Este livro apresenta um estudo bíblico sobre as forças do mal, as características da possessão demoníaca, a forma pela qual Jesus libertou os possuídos e como ajudar quem pede ajuda. David Brizuela também detalha o papel da oração, leitura das Escrituras, consagração pessoal e a obra do Espírito Santo na libertação.

“El Dios eterno: Una defensa de la temporalidad divina”

R. T. Mullins, *Theologika* 36, n. 2, 2021, p. 172-192
(<https://doi.org/10.17162/rt.v36i2.1675>)

O cristianismo afirma a existência de um Deus eterno. No entanto, o significado da eternidade divina é uma questão em debate. Ao longo da história do pensamento cristão, duas amplas visões da eternidade divina foram consideradas: atemporalidade e temporalidade. Este artigo oferece definições de cada ponto de vista e explica alguns dos conceitos básicos sobre a metafísica do tempo. Ele também oferece duas razões pelas quais a temporalidade divina é preferível. A primeira é baseada nos ensinamentos das Escrituras, e a segunda na incompatibilidade entre a atemporalidade divina e a criação do nada.



“O encontro entre Salomão e a rainha de Sabá na ótica missiológica”

Eloá Moura Galvão e Marcelo E. C. Dias, *Evangelio*, ano 4, 2021, p. 45-59

Tem sido proposto que a Bíblia não somente tem instruções para a missão cristã, como é uma grande narrativa missionária. No entanto, o Novo Testamento costuma ser muito mais utilizado quando se pretende desenvolver uma teologia bíblica da missão. Este artigo tem por objetivos destacar a relevância do Antigo Testamento para a compreensão da missão cristã, tendo por base a narrativa de 1 Reis 10:1 a 13, e refletir acerca dos aspectos missiológicos contidos nela.

Os cinco princípios missiológicos extraídos desse texto são: (1) a missão deve ser humildemente fundamentada nas orientações divinas; (2) o testemunho é o principal meio de evangelização; (3) a mensagem de salvação é a essência do evangelho; (4) a missão tem escopo universal; e (5) a estratégia missiológica assume intencionalidade.



“El desarrollo progresivo de la doctrina de la Trinidad en la Iglesia Adventista del Séptimo Día”

Walter E. Steger, *DavarLogos* 20, n. 2, 2021
(<https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/1017>)

Em sua maioria, os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeitaram a doutrina da Trindade durante as primeiras décadas da história da denominação. Este artigo faz um levantamento e analisa as principais afirmações da literatura adventista entre 1844 e 1900, demonstrando o desenvolvimento progressivo da doutrina da Trindade, as razões de sua rejeição inicial e posterior aceitação. Também analisa o papel de Ellen White ao longo dessa trajetória e algumas possíveis explicações para o lento processo de aceitação da doutrina da Trindade.





LIVRARIA – UNASP EC

**AMAZONAS
MANAUS**

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ**

Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO**

R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE**
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM
MARCO**

Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

**PARANÁ
CURITIBA
CENTRO**
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375
(21) 96554-0007

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**

UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA**
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**

CENTRO
Tv. Lourenço Rondonelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

**SÃO PAULO
PORTO ALEGRE**

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

**SÃO PAULO
TATUI**
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:



BARREIRAS DA ESPIRITUALIDADE

Recentemente li a seguinte citação de Ellen White: "A razão por que nossos pregadores realizam tão pouco é que eles não andam com Deus. O Senhor está a um dia de viagem na frente da maioria deles" (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 384). Fui impactado com essa afirmação. A realidade é que, se negligenciarmos nossa comunhão com Deus, Ele irá adiante de nós, deixando-nos para trás, com nossa própria sabedoria.

Muitas vezes nos esforçamos por implementar técnicas psicológicas, métodos organizacionais e liderança motivadora em nosso ministério. Contudo, isso será inútil se estivermos longe do Senhor. Frequentemente não nos damos conta de que o verdadeiro poder no ministério pastoral brota da espiritualidade que, por sua vez, é resultado de um encontro pessoal com Cristo.

Mas, o que é espiritualidade? É uma resposta à iniciativa divina, um movimento de todo nosso ser em direção ao Deus que nos amou primeiro. É o desejo profundo da alma de nos concentrarmos Nele e nos submetemos totalmente à Sua vontade. Pode parecer simples, mas esse tipo de espiritualidade é o que o inimigo mais teme. Por isso, ele se esforça para colocar todas as barreiras possíveis a fim de evitar que os ministros de Cristo a obtenham. Por exemplo:

1. *Manter-nos ocupados.* Devemos reconhecer que vivemos em um período de grandes demandas. Pode ser muito fácil envolver-se intensamente no ministério ou em outras ocupações da vida e não dedicar tempo para Deus. "À medida que aumenta a atividade e as pessoas são bem-sucedidas em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Surge a tendência de orar menos e ter menos fé. [...] Embora devam trabalhar ativamente pela salvação dos perdidos, precisamos também dedicar tempo à meditação, à oração e ao estudo da Palavra de Deus. Somente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo mostrará, no final das contas, ter sido eficaz" (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 285).

Pode ser muito fácil envolver-se intensamente no ministério ou em outras ocupações da vida e não dedicar tempo para Deus.

2. *Desconhecimento da espiritualidade.* Outra barreira é ignorar os ingredientes e as dimensões da espiritualidade. Devemos enfrentar a trágica realidade de que não desenvolvemos muitas formas de encontrar intencionalmente a intimidade com Cristo. Às vezes não nos damos conta de que podemos fazer algumas coisas para promover uma experiência mais profunda com Ele. Supomos que isso acontecerá sem nenhum esforço da nossa parte. Integrar uma vida de oração, jejum, leitura devocional da Bíblia e outras práticas espirituais pode revolucionar nosso relacionamento com Deus.

3. *Preguiça e falta de constância.* É necessário um esforço intencional e contínuo para alcançar o crescimento espiritual constante. Muitas vezes, nossa caminhada espiritual é cheia de altos e baixos. A subida ao topo da montanha pode parecer penosa, e a queda às profundezas, demasiadamente brusca e rápida. É fácil desanimar depois de um revés e não se esforçar para voltar ao caminho. No entanto, a luta pela espiritualidade constante não pode ser ganha de uma vez por todas. Devemos lutar a batalha diariamente.

Assim, quando chegarmos ao topo e provarmos um pouco dos raios de luz do Sol da Justiça, nossa alma sentirá um anseio profundo de estar cada vez mais perto do Salvador. Devemos nos esforçar para alimentar nossa fome de Deus. Ele promete nos satisfazer: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5:6). Quando nosso coração tiver fome Dele mais do que de qualquer outra coisa, nós O encontraremos. Ele deseja preencher nossa vida com Sua presença. **M**



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

ATÉ 70% OFF

FRETE GRÁTIS

de SEMANA OFERTAS

6 A 12 DE JUNHO

OS MELHORES
PREÇOS PARA
VOCÊ!

